



**Aquima Ibrahimo Guli    Vocabulário Português de Origem Moçambicana  
(Bantuísmo na Língua Portuguesa)**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro



À memória do professor Fernando Caribo, mestre e amigo, que me incentivou a estudar os neologismos de origem bantu.



## **o júri**

presidente

**Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais**  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Doutor Nobre Roque dos Santos**  
Reitor da Universidade de Zambeze (Unizambeze)

**Doutora Joana Catarina Mestre da Costa**  
(arguente)

**Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro (orientador)



## **agradecimentos**

Agradeço a minha mãe por me ter dado tanta coragem para continuar com os meus estudos;

Ao meu supervisor, o Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão, por ter paciente e inteligentemente supervisionado esta dissertação;

Aos meus filhos, por terem suportado as minhas inoportunas e prolongadas viagens à Beira, onde decorriam as aulas de Mestrado;

Aos meus colegas do mestrado, sobretudo ao Francisco Mateus António Wache, por ter emprestado suas valiosas obras para a concretização deste trabalho e pelas observações feitas à dissertação.

A todos, o meu profundo e reconhecido agradecimento.





**palavras-chave**

Neologismos, moçambicanismo e léxico

**resumo**

Na presente dissertação, com o título *Vocabulário Português de Origem Moçambicana*, procura-se mostrar que o léxico da Língua Portuguesa em Moçambique não só está a incorporar novos termos como também incorpora nos traços semânticos às palavras já existentes na Língua Portuguesa. O principal objectivo desta dissertação é fazer um levantamento de moçambicanismos usados nas conversas formais e informais, sobretudo, nos mercados, nos transportes públicos, nas festas de casamentos, nos locais de lazer, entre outros locais. O trabalho conclui que grande parte das palavras estudadas neste trabalho não possui novidades nas suas estruturas, porque ou entraram como são usadas nas línguas bantu, ou como são usadas na língua Portuguesa.



**keywords**

Neologisms; Mozambicanisms; lexicon.

**abstract**

In this dissertation, with the title Portuguese Vocabulary of Mozambican Origin, we endeavour to show that the lexicon of the Portuguese language in Mozambique is not only incorporating new terms but also incorporates new semantic features in words that already exist in Portuguese. The main objective of this dissertation is to study lexical Mozambicanisms used in formal and informal conversation, especially in markets, public transport, weddings and recreational places, among others. This dissertation concludes that the majority of the words studied in this project do not aggregate novelty in their structures, because either they are used as they occur in the Bantu languages, or as they are used in the Portuguese language.



## **ÍNDICE**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	<b>19</b>
<b>1. A LÍNGUA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE</b>	<b>19</b>
1.1. Breve perfil linguístico de Moçambique	19
1.2. Um pouco da história da história da língua portuguesa em Moçambique	22
<b>2. ANTES DO NEOLOGISMO: O LÉXICO</b>	<b>26</b>
<b>3. A NOÇÃO DE NEOLOGISMO</b>	<b>29</b>
3.1. Tipologia de neologismos	31
3.2. Fatores de neologismo	32
3.3. Processos de formação de palavras	35
3.3.1. A derivação	35
3.3.2. A composição	35
3.3.2.1. Tipologia de composições	37
3.4. Processos não-morfológicos de formação de palavras	39
3.4.1. Palavras onomatopaicas	39
3.4.2. A amálgama	40
3.4.3. A eponímia	40
3.4.4. A extensão semântica	41
<b>SEGUNDA PARTE</b>	<b>43</b>
<b>1. METODOLOGIA DO TRABALHO E ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>43</b>
1.1. Tipo de estudo	43
1.2. As técnicas de recolha de dados	44

2. ESTUDO DE MOÇAMBICANISMOS	47
2.1. Curandeirismo/feitiçaria	47
Origem	47
Classificação dos moçambicanismos	51
Inovações do Português	52
Neologismos semânticos	52
Neologismos formais	52
Empréstimos de outras línguas	52
Os processos de formação das palavras	53
Extensão semântica	53
Composição por justaposição	54
Empréstimos de outras línguas	54
2.2. Ritos	54
Origem	54
Classificação dos neologismos	57
Empréstimos de outras línguas	57
O processo de formação dos neologismos	58
2.3. Sentimentos	58
Origem	58
Classificação dos neologismos	59
Inovações do Português	59
Processo de formação dos neologismos	59
Neologismos semânticos	59
Empréstimos de outras línguas	59

2.4. Mercado	60
Origem	62
Classificação dos neologismos	62
Neologismos semânticos	62
Empréstimos de outras línguas bantu	63
Processo de formação de neologismos	63
2.5. Culinária	63
Origem	63
Classificação dos neologismos	65
Neologismos semânticos	65
Empréstimos de outras línguas	65
Processo de formação dos neologismos	66
2.6. Dispersos	68
Origem	68
Classificação dos neologismos	68
Inovações do Português	68
Neologismos semânticos	68
Neologismos formais	68
Empréstimos de outras línguas	68
Processo de formação dos neologismos	69
Hibridização	69
Derivação por sufixação	70
CONCLUSÃO	71
BIBLIOGRAFIA	73





## INTRODUÇÃO

Hoje, entre os estudiosos da língua Portuguesa em Moçambique, já não se questiona a mudança que esta língua vem sofrendo. A grande preocupação dos estudiosos desta área é a de ir encontrando as áreas críticas da referida variação. Uma das potenciais áreas dessa variação é a do léxico; daí que o presente trabalho tenha como tema *Vocabulário Português de Origem Moçambicana*.

A escolha do tema deve-se ao facto de, no nosso quotidiano, como professora da língua portuguesa e como parte integrante da sociedade, nos depararmos com situações em que o léxico usado é estranho ao PE, que é a variante da língua que tentamos transmitir em sala de aula. Às vezes, as mesmas palavras usadas no PE, ganham novos traços semânticos. Não é raro ouvir-se, por aí, que (1) o *vovô* deu-me um bom *herice*. A palavra *vovô* existe no Português, mas da forma que foi usada, ela não significa pai de pai. Significa, isso sim, um curandeiro; alguém com a capacidade de curar doenças por meio de ervas. A palavra *herice*, também patente na frase, significa um pequeno amuleto que é usado para os diversos fins. A palavra *tchovar*, na frase que se segue: (2). João, *tchova*-me até ali, significa *acompanhar*, no referido enunciado. O termo é estranho ao PE. Como se pode ver por estes exemplos, são muitos os motivos que nos levaram a escolher o tema para o estudo que pretendemos efetuar.

Esperamos que a nossa pesquisa seja um contributo teórico-prático para o conhecimento de valores polissémicos assumidos por algumas palavras sob pressão da cultura moçambicana.

O nosso maior objectivo é fazer um levantamento de moçambicanismos usados nas conversas formais e informais, sobretudo, nos mercados, nos transportes públicos, nas festas de casamentos, nos locais de lazer, entre outros locais. Especificamente, pretendemos i) Descrever os novos vocábulos que entram para o léxico do português, em Moçambique; ii). Demonstrar o carácter dinâmico da Língua Portuguesa, devido ao contacto que esta língua estabelece com outras línguas, em particular, com as línguas bantu faladas em Moçambique. iii) Caraterizar as circunstâncias de uso dos referidos moçambicanismos e os contextos do seu surgimento.

Na estrutura do trabalho, para além desta introdução, onde procurámos indicar o tema do trabalho, justificar a escolha do tema e definir os objectivos que pretendemos alcançar nesta pesquisa, encontra-se, ainda, a metodologia. Nesta parte, procurámos indicar o tipo de estudo, as técnicas de recolha de dados usados durante a pesquisa; mostrámos os tipos de línguas faladas pelos nossos informantes e a sua distribuição pelas zonas de origem. Encontra-se, ainda, neste trabalho, a fundamentação teórica. Aqui, procurámos definir alguns termos linguísticos e discutimos algumas teorias usadas no campo de neologismos. Por fim, estudámos os neologismos. No fim do trabalho, apresentam-se as conclusões a que chegámos, com o estudo, e há, igualmente, uma breve bibliografia, que constitui, como é natural em trabalhos desta natureza, o conjunto de obras a que tivemos acesso e que abordam o tema.

## **PRIMEIRA PARTE**

### **1. A LÍNGUA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE**

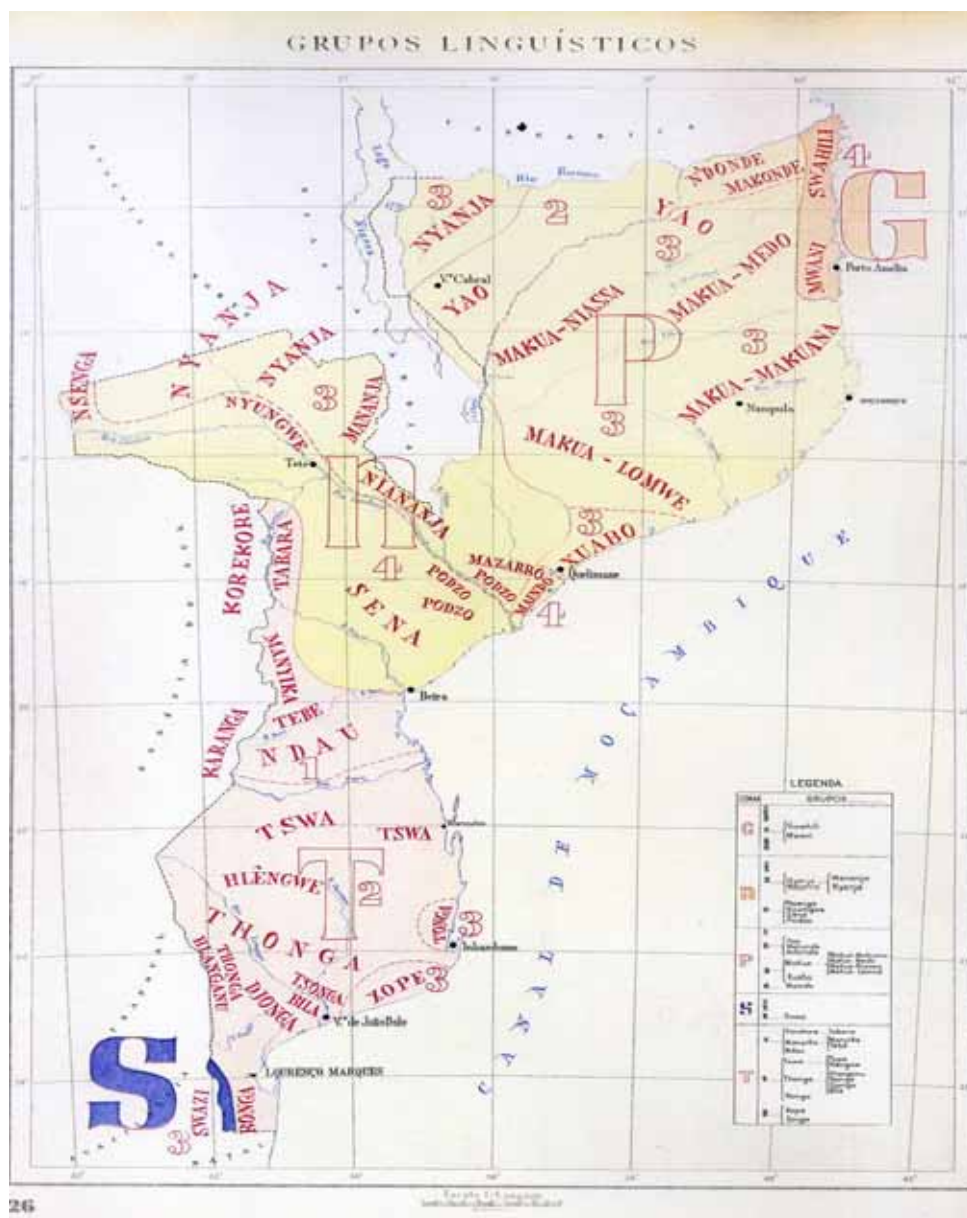
#### **1.1. Breve perfil linguístico de Moçambique**

Moçambique é um país multilingue e multicultural. Convivem neste território línguas de raiz bantu, faladas, naturalmente, pela maioria da população, o português e outras línguas estrangeiras, tais como inglês, gujarate, memane, hindi, urdo, entre outras. Paradoxalmente ao facto de as línguas de raiz bantu serem as que são faladas pela maioria, a língua portuguesa ocupa um lugar de destaque, já que ostenta o estatuto de língua oficial e língua de Unidade Nacional.

Guthrie (1967-71), citado por Firmino (2006:47), mapeia 4 zonas linguísticas no território moçambicano, nomeadamente:

- ZONA G:2, com o grupo linguístico G. 40, composto pelo Swahili;
- ZONA P, com os grupos P.20 (Yao), composto pelas línguas Yao (P. 21), Makonde (P. 23)4, Mabiha/Mavia (P. 25) e o grupo linguístico P. 30 (Makua), com as línguas Makua (P. 31), Lomwe (P. 32), Ngulu/ W. Makua (P33) Cuabo/ Cuambo (P. 34);
- ZONA N, com o grupo linguístico N. 30 (Nyanja), com as línguas Nyanja (N. 31a), Cewa (N. 31 b), Mananja (N. 31c) e o grupo linguístico N. 40 (Senga-Sena), composto pelas línguas Nsenga (N. 41) Kunda (N. 42), Nyungwe (N. 43), Sena (N. 44), Ruwe (N. 45), Podzo (N. 46);
- ZONA S, com o grupo linguístico S. 10 (Família Shona), com as línguas Korekore (S. 11), Zezuru (S. 12), Manyika (S. 13a), Tebe (S. 13b), Ndau (S. 15), o grupo linguístico S. 50 (Tswa-Ronga), com as línguas Tswa (S. 51), Gwamba (S. 52), Tsonga (S. 53), Ronga (S. 54) e o grupo linguístico S. 60 (Chopi), de que fazem parte as línguas Chopi/Lenge (S. 61) e Tonga/Shengwe (S. 62), como ilustra o mapa que se segue:

## Mapa Linguístico de Moçambique



**Fonte:** <http://macua.blogs.com/>

Estes dados não correspondem ao panorama linguístico real do território moçambicano. Alguns estudos e alguns censos efetuados recentemente mostram-se ainda muito longe de conseguir responder cabalmente à real situação linguística de Moçambique, que se mostra

cada vez mais complexa. O quadro a seguir, de Firmino, mostra a tentativa de inclusão e de atualização das línguas faladas neste território.

**Correspondências entre as diferentes designações das línguas autóctones de Moçambique**

Correspondências entre as diferentes designações das línguas autóctones de Moçambique GUTHRIE (1967-71)	RGPH (1997)	NELIMO (1989)	Sitoe & Ngunga (2000)	Região onde se fala
Swahili	Swahili	Kiswahili	-	Cabo Delgado
-	Mwani	Kimwani	Kimwani	Cabo Delgado
Yao	Yao	Ciyao	Ciyao	Niassa
Makonde	Maconde	Shimakonde	Shimakonde	Cabo Delgado
Mabiha (Mavia)	-	-	-	-
Makua	Macua	Emakhuwa	Emakhuwa	Nampula, Cabo Delgado, Niassa, Zambézia
Lomwe	Lomwe	Elomwe	-	Nampula, Zambézia
Ngulu (W. Makua)	Ngulu	-	-	Niassa
-	Koti	Ekoti	-	Nampula
-	Marendje	-	-	Zambézia
Cuabo (Cuambo)	Chuabo	Echuwabo	Echuwabu	Zambézia
-	Nyanja	Cinyanja	Cinyanja	Tete, Niassa
Kunda	Kunda	-	-	Tete
-	Nsenga	Cinsenga/Nsenga	-	Tete
Nyungwe	Nyungwe	Cinyungwe	Cinyungwe	Tete
Sena	Sena	Cisena	Cisena	Sofala, Manica
Podzo	-	-	-	Sofala
Shona Cluster	Shona	Cishona	-	Sofala, Manica
Korekore	-	-	-	Manica
Tebe	-	Citewe	Ciutee	Manica
Ndau	-	Cindau	Cindau	Sofala
Rue	-	Cibalke	Cibalke	Manica
-	-	-	Cimanyika	-
Tswa	Tswa	Xitshwa	Citshwa	Inhambane
Gwamba	-	-	-	-
Tsonga	Tsonga	Xitsonga/ Xichangana	Xichangana	Gaza
Ronga	Ronga	Xironga	Xirhonga	Maputo

Fonte: Firmino (s/d)

## 1.2. Um pouco da história da língua portuguesa em Moçambique

Nas palavras de Firmino (2006:134), a difusão e o uso da língua portuguesa em Moçambique estão intrinsecamente ligados à Conferência de Berlim (1885), a qual, entre outros aspetos, deliberou a partilha e a ocupação efetiva da África.

Foi na sequência desse acontecimento que Portugal, que, até esse momento, limitava a sua intervenção apenas à costa moçambicana, apesar de, no interior, sobretudo no vale do Zambeze, haver um número de portugueses marginalizados, designados como prazeiros, desenhou planos e penetrou no território moçambicano, dominando e subjugando o povo que ali habitava.

Dias (2008: 62), citando o Departamento de História da UEM (1982), defende a ideia de que entre 1505 e 1840, não se podia considerar Moçambique como uma Nação, uma vez este território ainda não estar delimitado. Tal espaço só viria a ser limitado em 1891, depois de um acordo entre Inglaterra e Portugal. Esta autora refere ainda que entre os séculos XVI e XIX, a Língua Portuguesa exposta aos moçambicanos no momento de aquisição espontânea desta língua talvez não obedecesse ao padrão do PE, sendo antes usada uma versão reduzida.

Segundo esta autora, uma variedade reduzida ou simplificada é aquela que usa vocabulário fundamental, em que há diminuição das redundâncias na língua e redução de alguns meios gramaticais, como, por exemplo, eliminação de certos tempos verbais e de certo tipo de orações subordinadas, redução do género e das pessoas gramaticais.

Para Dias (2008:63), a versão reduzida ou simplificada pode ter as seguintes origens:

- i) os portugueses, tendo a necessidade de serem percebidos, teriam modificado a sua própria língua, usando uma espécie de *foreigner talk* ou de *baby talk*, da Língua Portuguesa. Portanto, esta é a versão a que tiveram acesso as populações locais. Para além deste facto, situa-se, na mesma linha, o facto de os afro-portugueses usarem um dialecto não padronizado do Português, tendo sido responsável por fornecer um *input* para aprendizagem do Português;
- ii) as populações locais, ao adquirirem o Português, modificavam alguns aspectos, o que fez com que os portugueses reforçassem os ‘erros’ cometidos, usando, igualmente, esta versão do Português, a fim de facilitar a comunicação.

Como podemos observar, as mudanças profundas do português falado em Moçambique remontam ao tempo da penetração portuguesa. Mas é necessário que se acentue que não eram muitos moçambicanos que tinham contactos com os portugueses; eram, numa primeira fase, alguns chefes e os seus familiares, e uma minoria africana que se envolvia com os prazeiros. Mais tarde e durante o período colonial, o acesso à língua portuguesa era privilégio dos assimilados. Como se pode notar, contrariamente à atualidade, em que esta língua é tida como língua da Unidade Nacional, nesse momento, a língua portuguesa era um instrumento de discriminação.

Durante a luta armada, os grupos que compunham a Frente de Libertação de Moçambique, eram oriundos de diversas partes de Moçambique. Esses militantes, sobretudo os que não tinham ido à escola, tinham dificuldades em comunicar entre si, uma vez que, nas diversas zonas de onde provinham os guerrilheiros da Frelimo, não se falava a mesma língua. Essa incomunicabilidade fazia perigar os anseios do grupo, que se queria unido, e, sobretudo, punha em causa a unidade nacional que tanto se pretendia. Foi por esse motivo que a Frelimo decidiu que entre os combatentes se devia falar a língua portuguesa. Lembre-se que esta medida foi obrigatória dentro do movimento, apesar de haver, na altura, vozes que contrariavam essa decisão dos dirigentes da Frelimo. Uma parte assinalável de neologismos surge nesse período, quer sob forma de empréstimo, quer sob forma de cunhagem. É neste período que nasce a ideia de usar a língua como símbolo de unidade nacional, como meio de unir povos que vinham de diversas partes de Moçambique e que falavam línguas diferentes.

Já depois da independência, a Língua Portuguesa ganha, em Moçambique, estatuto de língua oficial, para além de língua de unidade nacional. Como grande parte dos moçambicanos não falava a língua portuguesa, para maximizar o seu uso, o governo decidiu que, em instituições oficiais, não se falassem as línguas indígenas. Esta campanha fez com que, de novo, a língua portuguesa se tornasse um instrumento de discriminação, pois, havia, somente, um número bastante irrisório de moçambicanos que sabia falar a língua portuguesa. Foram, no mesmo período, desenvolvidos programas e campanhas de alfabetização, que visavam o aumento de moçambicanos que soubessem falar a língua portuguesa e que soubessem assinar, pelo menos, o seu nome. Essa importância que a língua portuguesa nutria em Moçambique

pós-colonial pode ser vista num discurso proferido no *Primeiro Seminário sobre o Ensino da Língua Portuguesa*, por Graça Machel, na altura, ministra de Educação, extraído da *Revista Tempo* por Firmino (2006:141):

A Língua Portuguesa é o meio de comunicação entre todos os moçambicanos que permite quebrar as barreiras criadas pelas línguas maternas. Através dela, a ideologia do Partido FRELIMO, que encarna os interesses das massas trabalhadoras e exprime os seus valores revolucionários, é difundida e estudada para ser aplicada, orientando o nosso Povo na luta pela criação de uma sociedade justa, próspera e feliz, a Sociedade Socialista. A Língua Portuguesa é também a língua veicular do conhecimento científico e técnico. Na alfabetização de milhares de trabalhadores, operários e camponeses, ela desempenha um papel importante pois fornece os instrumentos necessários para orientar e controlar a produção, em suma, para melhorar o bem-estar social e material [...] É ainda utilizando a Língua Portuguesa que comunicamos com outros povos do mundo, transmitindo a rica experiência do nosso Povo e recebendo a contribuição do património cultural mundial.

[in Revista Tempo n.º 471, p. 12]

Perceba-se, neste discurso, que a língua portuguesa foi definida igualmente como o meio pelo qual se podia aceder à elite, ao bem-estar material e social. Infelizmente, este propósito ainda ganha espaço nos dias de hoje, em Moçambique, o que significa, mais uma vez, que continua a discriminar grande parte de moçambicanos, que não sabe esta língua. Hoje, em Moçambique, a língua portuguesa mudou bastante, adaptando-se cada vez mais à realidade do povo e à sua cultura, por isso, em todos os discursos sobre português fala-se do processo de nativização da língua portuguesa.

A nativização tem sido definida de diversas maneiras. Firmino (2001:237) entende que “este processo corresponde ao desenvolvimento de uma nova ideologia da condição da língua, à medida que as autoridades oficiais e a opinião pública percebem e reconhecem o Português como uma língua oficial e língua franca.” Na realidade, a nativização do português em Moçambique ocorre sob dois eixos diferentes: o primeiro eixo refere-se ao lugar que é reservado para o português hoje, ao estatuto e à utilidade desta língua na vida económica e social dos moçambicanos. As palavras que se seguem são de Firmino (2001:238), o qual explica que:



O aspecto crucial na emergência de novas atitudes face ao uso da língua portuguesa no Moçambique pós-colonial é o que está ligado à sua promoção como língua oficial e como símbolo de unidade nacional. A apropriação social do Português é consequência do facto das pessoas o associarem a estes papéis e o reconhecerem como um instrumento vital para a integração social e construção da Nação-Estado. Neste processo, o Português tem estado a sofrer uma transformação ideológica e a adquirir valores sócio-simbólicos que surgem em conexão com o ambiente político, social, cultural e económico na Nação-Estado moçambicana independente. À medida que a ideologia oficial promove o Português como língua oficial e língua de unidade nacional, a consciência da importância dos valores sócio-simbólicos ligados a esta língua é mais consolidada. Por essa razão, o Português poderá ser actualmente o único símbolo que é amplamente reconhecido pelos moçambicanos e através do qual a ideia de uma nação é imaginada e experimentada, especificamente entre os moçambicanos urbanizados.

O segundo eixo da nativização da língua portuguesa em Moçambique está relacionado com as mudanças linguísticas. A língua portuguesa falada em Moçambique já não obedece totalmente às regras do português europeu, apesar de esta norma continuar a circular nos manuais de ensino e em todos os documentos oficiais. A verdade mostra que o português sofreu algumas mudanças na fonologia, na semântica, na sintaxe e no léxico. O autor que temos vindo a citar explica que

O desenvolvimento dessas características é, contudo, uma continuação de um processo que começou antes da independência. Mesmo antes da independência, o português falado em Moçambique incluía traços típicos largamente propagados, ou seja, os chamados moçambicanismos, usados até pelos colonos portugueses. Tais moçambicanismos podem ser exemplificados com elementos lexicais, como *machimbombo* (o equivalente na forma europeia a *autocarro*, também usada em Moçambique), *maningue* (equivalente a *muito*), *quinhenta* (*cinquenta centavos*, na forma europeia, também usada em Moçambique). Depois da independência, o uso do português alargou-se e os sinais da sua «moçambicanização» expandiram-se. Enquanto o uso do português se alargava, os mecanismos que haviam contribuído para a aprendizagem e reforço do padrão linguístico se alteraram, dando origem à proliferação de novas formas linguísticas. De facto, dado o imperativo primordial de se comunicar na língua oficial, formas incorrectas do uso, tomando como referência o padrão europeu, divulgaram-se, até ao ponto de se tornarem tema normal de discussão, por exemplo, na imprensa local. Um objecto frequente de discussão era a violação das normas gramaticais, o que alguns sentiam como uma redução de nível e desrespeito pelo português.

Na verdade, o processo de mudança linguística do português não é só anterior à independência, a nosso ver, é um processo anterior à luta armada, é um processo que surge paralelamente à ocupação efectiva do território moçambicano pelo colonialismo português.

## **2. ANTES DO NEOLOGISMO: O LÉXICO**

O léxico tem sido entendido, geralmente, como sendo o conjunto de palavras ativas e inativas de que dispõe uma determinada língua. Assim, assumimos, logo à partida, que o léxico é o conjunto de palavras dicionarizadas de uma determinada língua e as suas respetivas propriedades morfosintáticas, semânticas, pragmáticas e fonológicas. O termo ‘dicionarizadas’ que empregamos nesta definição parece-nos ser bastante polémico, uma vez poder excluir, sobretudo, por exemplo, os neologismos, arcaísmos e os regionalismos. Ou seja, na noção do léxico, estão incluídos os neologismos, os arcaísmos e os regionalismos, mesmo quando estas palavras não são reconhecidas pelos dicionários. Deve ter sido este fenómeno que fez com que Correia e Lemos (2005:05), ao fazerem a distinção entre o léxico e vocabulário, tenham afirmado que o léxico é “conjunto de todas as palavras de uma língua, isto é, conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua.”

A propósito, Villalva (2008:47) explica que, apesar de o dicionário ser indicado, muitas vezes, como o repertório do léxico, ele não é exaustivo porque exclui as palavras que não são reconhecidas pela norma, naturalmente, como é o caso de arcaísmos, dialetismos e neologismos.

O léxico de uma língua sofre, porque vive, algumas mudanças à medida que o tempo passa. Tais mudanças são, muitas vezes, fruto do tempo, do espaço, da dinâmica social e económica. Portanto, o léxico é sensível a qualquer uma dessas mudanças. É verdade que, para que uma palavra seja tida como parte integrante do léxico de uma determinada língua, ela tem de passar por determinadas fases, que o próprio léxico ignora, enquanto norma. Correia & Lemos (2005:6) referem que “se é verdade que a mudança afecta as componentes do conhecimento linguístico (fonológico, morfológica, sintáctica, semântica e pragmática), é também verdade que essa mudança é fundamentalmente visível ao nível do léxico.” Tal fenómeno ficar a dever-se, na perspectiva destas autoras, a duas razões:

-por um lado, porque, não sendo a componente lexical uma componente tão estruturada como, por exemplo, as componentes fonológicas ou sintáticas, e sendo o conhecimento lexical mais consciente, porque constituído não só por regras, mas sobretudo, por itens, a mudança pode ocorrer de modo mais 'livre' e rápido, afectando unidades e não tanto a estrutura do léxico;

- Por outro lado, sendo através das unidades lexicais que designamos os itens da realidade envolvente e que traduzimos o conhecimento que temos dessa realidade, é natural que a componente lexical reflita de forma mais directa todas as alterações, toda a evolução que o meio vai sofrendo.

Correia & Lemos (ibidem:6) explicam ainda que a mudança do léxico se traduz basicamente a dois níveis: “i. por um lado, por razões extralinguísticas, algumas unidades caem em desuso, tornando-se ‘arcaísmos’; ii. Por outro, novas unidades lexicais vão entrando no léxico, os neologismos.”

Em Vilela (1979:10), o léxico ganha, na sua definição, duas aceções: como dicionário e como competência lexical. Como dicionário, o léxico é resultado de unidades linguísticas básicas de uma determinada língua, listadas em ordem alfabética num dicionário e subordinadas, em alguns casos, à unidade linguística que metalinguisticamente as representa. Como competência lexical, o léxico consiste num sistema de possibilidades, no locutor/ouvinte ideal, que abrange as palavras reais, pautadas pela norma e ainda as palavras possíveis (ibidem:10). Como se pode depreender, esta noção dual do léxico de Vilela, parece já estar próxima da de Galisson & Coste (1983), os quais fazem uma distinção importantíssima, sob ponto de vista pragmático, entre o léxico propriamente dito e o vocabulário. Nessa distinção, referem que quando o léxico é usado num determinado contexto passa a chamar-se vocábulo. Ou seja, o vocábulo é o léxico usado num determinado contexto.

Correia (1995:3) fala, por exemplo, da possibilidade de o léxico ser, normalmente, entendido como uma mera lista de unidades/palavras com as suas propriedades idiossincráticas. Mais adiante a autora refere que o léxico, entendido desta forma, se apresentaria bastante diverso dos conhecimentos fonológico, morfológico e sintático e relevaria quase exclusivamente da memória. Portanto, o conhecimento lexical mais não seria que a lista memorizada das palavras e das suas idiossincrasias, tornando-se o domínio privilegiado da irregularidade linguística. Na perspectiva desta autora, esta noção do léxico transparece quando se opõe 'léxico' ou 'dicionário' à 'gramática', contendo esta a descrição das regras da língua, enquanto aquele contém a lista das suas palavras e respectivas características particulares.

Como se pode depreender, a ideia que Correia (1995) tem sobre o léxico é a de que o léxico é mais do que uma simples listagem de palavras de uma determinada língua. Aqui, o léxico é entendido, a nosso ver, na sua totalidade, isto é, o léxico é conjunto de palavras de uma determinada língua, e as suas características fonológicas, morfossintáticas e semântico-pragmáticas. No fundo, a autora pretende dar a entender que não se pode dissociar o léxico da gramática, uma vez que as regras de funcionamento da gramática estão alojadas no léxico. Estas duas entidades devem ser vistas como complementares uma da outra.

É esta ideia que parece estar patente em Rio-Torto (2005:1), ao explicar que

O Léxico é aqui encarado como uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais. A gramática compila as regras, as condições e as restrições que presidem ao funcionamento, aos diversos níveis (fonológico, morfológico, sintáctico, semântico), das unidades sógnicas, consideradas em frase e em texto. A competência léxicogramatical caldeia, para cada signo, as informações relevantes e necessárias para o cabal desempenho discursivo-pragmático deste.

Mais adiante, a autora chega a afirmar que

léxico e gramática são como que duas faces da mesma realidade, contribuindo de forma complementar para a chamada competência léxico-gramatical dos falantes. Léxico e gramática não são mais duas realidades indissociadas, a não ser em função de motivações metodológicas, que delimitam objectos materiais de análise diferenciados. A representação das peças léxicas inclui a representação das suas propriedades gramaticais, morfossintáticas e argumentais (ao nível do número, do esquema e das funções temáticas dos argumentos em jogo), bem assim como das propriedades semântico-conceptuais e instrumentais que sustentam o seu funcionamento em cotextos e em situações pragmáticas diversas. Como tal, o estudo das unidades lexicais numa língua não pode fazer-se sem o suporte das regras gramaticais que as enformam e que norteiam a sua configuração e as suas condições de uso; do mesmo modo, o estudo da gramática consubstancia-se necessariamente no estudo das propriedades morfo-sintáctico-semânticas que caracterizam os signos da língua, nos seus diversos usos discursivo-textuais. (ibidi:2)

Percebe-se facilmente que Rio-Torto circunda a ideia de que, de facto, a gramática e o léxico não podem ser vistos como duas entidades totalmente indissociadas, mas também não podem ser vistas como sendo a mesma coisa. Ou seja, quem fala de gramática não está, ao mesmo tempo, a falar do léxico, nem quem fala do léxico está automaticamente a falar de

gramática. Estas duas entidades, como temos vindo a defender, devem ser vistas como sendo “duas faces da mesma moeda”, duas entidades complementares. De facto, não se pode falar do léxico sem que nessa noção esteja implícita a noção de gramática.

### 3. A NOÇÃO DE NEOLOGISMO

A palavra neologismo é composta, segundo o *Dicionário da Língua Pedagógica* (1971:283), por duas palavras gregas: *neos* (novo) e *logismos* (cálculo) derivado de *logos* (palavra). Nesse sentido, a palavra neologismo vai significar palavra de criação recente ou à qual se dá um sentido novo (neologismo semântico). Mateus & Nascimento (2005:51) afirmam ser neologismos as palavras em que o seu uso na língua é recente, ou aquelas cuja integração no léxico da língua ainda é processo. Esta definição das autoras contempla, para além das palavras que são cunhadas numa determinada língua, palavras provenientes de outras línguas, como é o caso dos empréstimos. Estão ainda incluídas, nesta definição, as palavras que foram usadas por pouco tempo numa determinada língua.

Uma outra definição interessante é aquela que é feita por Guilbert (1975:31), usada por Sengo (2010), e que é retomada por nós neste trabalho. Nessa definição, a neologia é a definida como sendo a possibilidade de cunhagem de novas palavras, tendo em conta as regras existentes no sistema lexical de uma determinada língua. Essa cunhagem de novas palavras pode ser classificada em quatro tipos:

- a) *Denominativa*, que resulta da necessidade de nomear objetos, conceitos, experiências novas, ou melhor, de configurar novas realidades antes inexistentes.
- b) *Criação neológica estilística*, que está relacionada com a necessidade de dar maior expressividade ao discurso, para traduzir ideias não originais de uma forma nova, ou para exprimir, de modo inédito, certa visão do mundo. Estes grupos de neologismos que existem primeiramente, apenas, ao nível do discurso são, geralmente, formações efémeras, entrando raramente no sistema da língua, pois tendem a desaparecer rapidamente. São muito frequentes no discurso humorístico, jornalístico (sobretudo ao nível dos títulos pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar), bem como na crónica política.
- c) *Neologia da língua* são unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua, não despertam qualquer sentimento de novidade, por

corresponderem, apenas, à atualização de competência derivacional dos falantes. Os advérbios em *–mente* (incondicionalmente); os adjetivos em *–vel* (indesejável) e os *participios adjetivados* correspondem a neologismos de língua. O que faz com que estas unidades lexicais sejam consideradas neologismos é facto de elas não estarem registadas nos dicionários representativos da língua.

- d) *Poder gerador de certos elementos constituintes*: em certas épocas, por factores extralinguísticos, determinados formantes de palavras (já existentes ou novos) ficam na moda, dando origem a inúmeras unidades lexicais novas.

Uma definição bastante simplista é aquela que é dada por Villalva (2008:50), a qual considera que as palavras que não fazem parte do léxico desde a fundação de uma determinada língua são as que devem ser consideradas como neologismos. Assim, a autora considera neologismos todas as palavras que, num determinado momento da língua, são consideradas novas, como por exemplo, a palavra *telemóvel*, que aparece no léxico da língua portuguesa no final do século, depois da invenção do objecto. Essa definição de Villalva (2008:50) permite-nos perceber que grande parte das palavras que constituem o léxico de uma língua são palavras que foram surgindo com o tempo e foram ganhando originalidade nessa língua à medida que o tempo ia passando. No caso concreto de Moçambique, neste estudo, vamos considerar todas as palavras que foram incorporadas na língua portuguesa a partir de 1975, uma vez que é neste período que a língua portuguesa passou a ser apropriada pelos moçambicanos.

Mais adiante, a autora afirma que “ independentemente do momento em que surgem, os neologismos devem ser analisados quanto à sua génese.” Não existe apenas uma única maneira de gerar novas palavras: algumas palavras são inventadas, de forma mais ou menos aleatória, a partir de palavras já existentes, outras são palavras introduzidas na língua por empréstimos a outras línguas; e outras ainda são palavras formadas a partir dos recursos morfológicos disponíveis numa determinada língua. Nas palavras de Villalva (2008), “a criação de neologismos encontra na morfologia uma potente ferramenta, que tem como fortes aliados a sistematicidade e previsibilidade, mas não se esgota aí.”

### 3.1. Tipologia de neologismos

Ao tratarem de tipologia de Neologismos, Figueiredo & Figueiredo (2003:299) distinguem dois tipos de neologismos: *os de forma* e *os de sentido*.

Os neologismos ao nível da forma consistem em formar novas palavras não atestadas no estágio anterior do registo da língua. Essas formas podem ser empréstimos de outras línguas ou palavras resultantes dos processos existentes na língua para a formação de palavras.

No entender de Figueiredo & Figueiredo (2008), os neologismos de forma correspondem a:

- a) uma palavra nova criada por derivação (*substanciar-se, praiistas, etc.*)<sup>1</sup>;
- b) uma palavra nova criada por truncação (*tuga, prof. etc.*);
- c) uma palavra nova criada por composição (*teledependente, quadro-robot, etc.*);
- d) uma palavra nova criada por mudança de categoria gramatical (*um quotidiano, um nadinha, etc.*);
- e) uma palavra estrangeira (*fastfood, paparazzi, etc.*);
- f) uma palavra de algumas letras a partir de uma expressão longa (*laser – criada a partir da expressão inglesa light amplification by stimulated emission of radiation*);
- g) uma palavra criada a partir de duas (*espatifurada de espatifada + furada*).

*Os neologismos de sentido* são aqueles que correspondem a uma nova associação significado-significante. Tais neologismos, também conhecidos por neologismos semânticos, correspondem a

- h) uma extensão de sentido de uma palavra (*feira significa “dia de festa”, hoje designa “o lugar onde em certos dias da semana se vendem produtos”*)
- i) um emprego figurado por metáfora (*uma corrente de opinião; uma festa brava, etc.*)

A estes dois tipos de neologismos, Sengo (2010) acrescenta os neologismos pragmáticos. Para ela, estes neologismos são resultantes da passagem de uma palavra previamente usada num determinado registo para outro da mesma língua. A novidade pragmática, na óptica de Sengo (2010), implica, normalmente novidade semântica. Esta autora

---

<sup>1</sup> Todos os exemplos desta parte do trabalho são de Figueiredo & Figueiredo (2008).

cita Correia (1998:63) que considera que em Portugal houve unidades lexicais que passaram da gíria dos marginais dos bairros lisboetas para registos menos marcados socialmente, como a linguagem dos jovens e até o registo familiar. São os casos dos exemplos que abaixo se seguem, que apresentam novidade estritamente pragmática.

- a) *chavalo*
- b) *garina*
- c) *bófia*

### **3.2. Fatores de neologismo**

A cunhagem de novas palavras depende de vários fatores, entre eles os relacionados com a “convivência entre línguas, o contexto geopolítico, o ajustamento à dinâmica das novas tecnologias, a necessidade de denominação de produtos ou objetos de acordo com novas realidades socioeconómicas, a idade, a experiência da vida, o temperamento do locutor e o contexto sócio-histórico e cultural.” (Mendes, 2010:73)

Stroud (1997) fala de fatores históricos, socioculturais das políticas linguísticas nacionais, o contacto linguístico, de fatores sociais, da idade, do sexo, da profissão e do contexto, como sendo fatores que contribuem para a variação linguística. Todos estes factores que foram mencionados por Stroud (1997) como os que contribuem para a variação linguística, também contribuem fortemente para a neologização, embora uns sejam potenciais e outros nem tanto. São potenciais neologizadores os fatores como os socioculturais, o contacto linguístico, a idade, os fatores sociais e a profissão.

Os fatores *socioculturais* são importantes para o surgimento de neologismos na medida em que os falantes cunham itens lexicais que caracterizam a sociedade e os valores culturais da sociedade em que se encontram. Stroud (1997:20), usando as palavras de Sridhar & Sridhar (1992:97), explica que a variação na língua engendrada pelos fatores socioculturais “reflecte as experiências culturais distintivas e as convenções da comunidade”. “Um falante pode assinalar a sua filiação num grupo étnico ou cultural através da forma como ele pronuncia a língua, como cunha novos itens do vocabulário para designar referentes socioculturais específicos, ou através da forma como ele emprega as palavras existentes em sentidos



desconhecidos a falantes com um *background* sociocultural diferente.” Mais adiante o autor explica que “os factores socioculturais podem também estar por detrás de certos tipos de variação nos padrões sintáticos, e contribuir para a forma como o discurso é organizado e como os falantes gerem a interação conversacional.”

Assim, a expressão *nakhatana*, que significa, um malfeitor que anda com catana na calada da noite, surge para expressar fenómenos sociais que se relacionam com a criminalidade, e, ao mesmo tempo, expressa factos tipicamente do homem macua que, tradicionalmente, nas zonas rurais, deve andar munido de uma catana. Noutro ponto do país, uma expressão desta natureza seria impossível.

*O contacto linguístico*, segundo Stroud (1997:21), pode produzir *mudança de código*, *transferência*, *calques* ou *empréstimos*. Uma *mudança de código*, segundo o autor, “ocorre quando falantes fluentes numa ou mais línguas mudam duma para a outra no mesmo trecho de discurso. A mudança de código nas línguas pode ocorrer dentro de uma proposição ou frase, ou entre elocuições, e pode envolver itens lexicais simples ou elementos maiores como sintagmas e frases.”

A mudança de código é uma estratégia de discurso que serve muitas funções comunicativas distintas; é um ato de fala ‘intencional’ e proficiente. É importante notar que a mudança de código é uma justaposição de duas ou mais línguas - cada elocução com mudança de código deve ser construída de acordo com a gramática da língua corrente do(s) elemento(s) trocado(s). Isto distingue a mudança de código da transferência. É importante sublinhar que a mudança de código, como tal, não pode ser considerada como sendo um neologismo, porque as palavras usadas numa determina situação de comunicação, logo regressam à língua de origem. Não permanecem nos discursos dos falantes duma determinada língua. Atualmente, os políticos, sobretudo em Moçambique, usam esta estratégia para se identificar, nas campanhas eleitorais ou nos comícios, com o eleitorado, e conquistar o voto.

Em Nampula, por exemplo, o grito “-axinenee, - arivava”, que significa “- os nativos, - estão aqui”, serve, ao mesmo tempo para galvanizar o público, para prestar mais atenção ao que está a ser proferido e para fazer com que os alocutários, em algum momento, se

identifiquem com o discurso que está a ser proferido que, muitas vezes, está a ser dito em Língua Portuguesa para os alocutários que não possuem, às vezes, a proficiência em língua portuguesa.

A *transferência*, segundo Stroud (1997), “ocorre quando os elementos e as estruturas pertencentes a uma língua aparecem no discurso de uma outra língua. A transferência pode envolver todos os níveis linguísticos, desde a estrutura sonora de uma língua aos seus padrões de discurso. Quando os elementos transferidos resultam numa elocução errada ou não gramatical na língua recipiente, isto é conhecido como transferência negativa ou interferência.” A transferência geralmente é uma estratégia encontrada por um determinado locutor, o qual não domina a língua sobre a qual profere um determinado discurso.

Os *calques* ou *empréstimos* compreendem elementos que foram incorporados ou adotados numa língua recipiente e estabelecidos como elementos pertencentes a essa língua. Entre os tipos mais comuns de empréstimos estão as palavras e sintagmas referentes a fenómenos que são novos para a cultura da língua recipiente, e para os quais, portanto, não havia previamente palavras. Alguns empréstimos são facilmente traduzidos para a língua alvo, mas alguns registem à tradução. Nas palavras de Duarte (2000:84), “quanto mais antigos forem os empréstimos, tanto mais eles estão moldados à estrutura fonológica e ao sistema ortográfico da língua que os importa.”

Mendes (2010) afirma que um outro fator que pode dar origem a neologismos é “o grau de instrução e/ou o tipo de formação, que pode ser académica ou profissional.” Assim, para a autora, “o neologismo produzido por um falante que tenha tido uma formação do nível médio ou superior ou ainda que tenha tido uma formação profissional ligada à mecânica, eletricidade, carpintaria, canalização, etc. é diferente daquele que não tenha tido qualquer formação, ou cuja formação seja de nível elementar.” (ibidem:76).

As pessoas com formação constroem numa forma consciente ou deliberada as unidades lexicais com alguma intenção, muitas vezes, por prazer ou para manifestar um determinado estilo. Ao contrário, os falantes sem qualquer formação criam, numa forma inconsciente,

formas portuguesas de que necessitam para designar um determinado objeto ou ação ou para expressar um determinado sentimento. (ibidem).

### **3.3. Processos de formação de palavras<sup>2</sup>**

#### **3.3.1. A derivação**

Sengo (2010:38) entende que a derivação é o processo de formação de novas palavras que se faz a partir de afixos (que podem ser prefixos ou sufixos) adicionados à palavra-base. “Através dos afixos formam-se novas palavras que, regra geral, conservam uma relação de sentido com o radical derivante; contrariamente à composição que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.”

A autora explica ainda que “a derivação é o processo de inovação lexical mais regular, dado que o número de afixos derivacionais de uma língua é um conjunto limitado e, além disso, a derivação é um processo governado por regras que permitem determinar a categoria da base, determinar a categoria do derivado, prever o significado do derivado a partir dos dois elementos anteriores. O afixo derivacional é sempre portador de uma informação de tipo semântico e/ou categorial.”

#### **3.3.2. A composição**

A composição, segundo Cunha & Cintra (1999:106), é um processo de formação de novas palavras a partir da união de dois ou mais radicais. A palavra daí resultante representa sempre uma ideia única e autónoma, geralmente dissociada das noções das expressões que lhe deram origem.

Duarte (2000:85) é de opinião de que “nos compostos formados há mais tempo, os constituintes podem sofrer alterações de fonação e de acentuação, tal como aconteceu com as palavras aguardente, fidalgo, pnalta, as quais possuem um único acento e uma redução vocálica. “neste tipo de composto, a perda de autonomia acentual dos elementos constituintes e a supressão de sílabas ou vogais das palavras que os constituíam inicialmente está geralmente refletida na grafia, que os representa como uma só palavra.” (ibidem:85)

---

<sup>2</sup> Não iremos tratar de empréstimos nesta seção por já o termos feito anteriormente.

Para Vilela (1994:62) a composição é o processo formativo que resulta da combinação de dois morfemas, que ocorrem como morfemas livres. O autor refere que “muitas construções eruditas apresentam as mesmas relações sintagmáticas internas que os compostos, e, por isso embora não ocorram como morfemas livres, são interpretados como tais: *sociologia*, *protótipo*, *sociolinguística*, etc.”

Vilela (ibidem:62) revela que se se fizer uma comparação de construções sintáticas, compostos e expressões idiomáticas, podemos notar que o composto constitui uma unidade sob o ponto de vista significativo, por o significado global abranger mais do que o significado das partes constituintes e corresponder a uma unidade morfossintática: os seus constituintes não podem mudar de posição, sem se alterar a identidade da unidade (*social-democrata* e *democrata-social*, não são a mesma unidade.) Explica ainda que somente os compostos aditivos, como *bar-restaurant*, é que admitem a mudança de posição de elementos, sem alteração do composto. Uma outra característica destes compostos é a impossibilidade de inserção de qualquer determinante entre os membros dos compostos, como se pode ver nas palavras (*caminho de ferro* e *\*caminho lindo de ferro*). A mesma impossibilidade verifica-se quando se pretender determinar o segundo elemento do composto, como se pode verificar em (*\*certidão de minha idade*), e no caso de um dos elementos do composto ser um adjetivo, não há possibilidade de o graduar ou qualificar (*sangue frio* ≠ *sangue muito frio*), etc.

Vilela (1994) explica também que, tendo em conta as relações sintagmáticas internas, pode-se fazer a distinção entre a relação de *coordenação* e relação de *subordinação*. Se houver uma relação coordenativa, o composto é copulativo: um dos elementos não pode representar o todo, pois ambos os constituintes participam de igual modo no significado global, significado que pode explicar-se pela coordenação “e”, pertencendo obrigatoriamente ambos os elementos à mesma categoria gramatical e os elementos são intercomutáveis. Caso a relação seja de subordinação, o composto costuma ser (determinado + determinante) *determinativo*: “o denotatum designado pela palavra determinante, e esta sequência é fixa (no caso de se alterar a ordem de construção, muda-se o significado).

### 3.3.3.1. Tipologia de composições

Cunha & Cintra (1999:106) tipificam as composições tendo como critérios a forma, o sentido e a classe gramatical. No que tange à forma, os autores explicam que os elementos duma palavra podem estar *justapostos*, conservando cada qual a sua integridade, tal é o caso de palavras como *beija-flor*, *segunda-feira*, *passatempo*; ou podem estar intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tónico e sofrem perda da sua integridade silábica, como acontece com as palavras *aguardente*, *embora*, *etc.*

Quanto ao sentido, “distingue-se numa palavra o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, escola-modelo, o termo escola é DETERMINADO, e modelo o DETERMINANTE.” Mais adiante os autores explicam que “nos compostos portugueses, o DETERMINADO em regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entram por via erudita, ou se formam pelo modelo da composição latina, observa-se exactamente o contrário – o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral.”

No que tange à classe gramatical dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:

- i) substantivo + substantivo (*manga-rosa*)
- ii) substantivo + adjetivo ou vice-versa (*aguardente*)
- iii) adjetivo + adjetivo (*azul-marinho*)
- iv) numeral + substantivo (*segunda-feira*)
- v) pronome + substantivo (*Nosso Senhor*)
- vi) verbo + substantivo (*passatempo*)
- vii) verbo+ verbo (*corre-corre*)
- viii) advérbio + adjetivo (*sempre-viva*)
- ix) advérbio + verbo (*maldizer*)
- x) substantivo + preposição + substantivo (*copo-de-água*)

Como se pode depreender, a distinção que fizemos até aqui, está relacionada com a estrutura fonológica dos compostos, segundo as palavras de Correia & Lemos (2005:37). Tendo em conta a estruturas internas das palavras, segundo a mesma autora, podem distinguir-se entre a *composição morfológica* e a *lexicalização sintagmática*.

A composição *morfológica*, dizem Correia & Lemos (2005:37), “consiste na construção de palavras compostas a partir de unidades não-autónomas. Estas unidades não-autónomas são, geralmente, raízes gregas e latinas (já adaptadas ao sistema fonológico do português) e unidades resultantes da truncação de outras palavras.” Nestas construções intervém, geralmente, uma vogal de ligação, *-o-* ou *-i-*. Abaixo, seguem-se alguns exemplos:

- a) *psic-* + *-o-* + *log (o)* – *psicólogo*;
- b) *arbor-* + *-i-* + *cola* – *arborícola*;
- c) *agr-* + *-i-* + *cultura* – *agricultura*;
- d) *tele-* + *comunicação* – *telecomunicação*.

As autoras referem ainda que “a composição morfológica é um tipo de composição típico das terminologias específicas das ciências e/ou técnicas.” O recurso a este processo de construção de palavras no âmbito das linguagens de especialidade, dizem Correia & Lemos (ibidem:38), “ocorre dado que, se por um lado, o recurso a estes radicais envolve um conhecimento da língua que não é comum a todos os seus falantes, por outro, dado estes radicais constituírem um património comum a muitas línguas, as unidades assim construídas são facilmente traduzíveis e adaptáveis, constituindo a maioria delas verdadeiros internacionalismos que muito facilitam a comunicação interlinguística.”

Mais adiante, Correia & Lemos (2005:39) explicam que:

Os compostos assim construídos são, geralmente, nomes cujas estruturas obedecem à da composição grega, isto é, a ordem dos elementos é: determinante + determinado, ou, outros termos, modificador + núcleo do composto, estando, portanto, o elemento da esquerda subordinado ao elemento da direita, o núcleo do composto. Exs:

- a) *hexa-* + *-petalon* → *hexapétalo<sub>N</sub>*  
 (“que tem seis pétalas”);
- b) *psico* + *grama* → *psicograma<sub>N</sub>*  
 (“registo das características psíquicas de um indivíduo”).

Porém, existem alguns casos em que estes compostos não apresentam uma estrutura de subordinação como a acima apresentada, mas uma estrutura de coordenação. É o caso do composto, do tipo de *luso-brasileiro* ou *afro-americano*, em que nenhum dos elementos constitui o núcleo do composto, mas cuja estrutura apresenta dois adjectivos coordenados (um acordo luso-brasileiro é um acordo entre Portugal e Brasil; um afro-americano é um indivíduo simultaneamente africano e americano (de ascendência africana, mas nascido na América)).

No que tange à composição *sintagmática*, Correia & Lemos (2005:39) referem que este tipo de composição é aquele “que resulta da lexicalização de determinados sintagmas da língua (exs.: casa de banho, pena capital).” Nas palavras destas autoras, “a estrutura destas

unidades lexicais é regida pelas regras de sintaxe da língua, mas aquilo que nelas é imprevisível é quais os sintagmas que se lexicalizarão, de entre todos os possíveis, dado que tal facto é determinado por necessidades denominativas independentes da língua.”

Na percepção destas autoras, “a composição sintagmática é muito frequente nas terminologias científicas e/ou técnicas, dado que muitas vezes a denominação de um conceito funciona como um sintagma definidor do mesmo. Este facto verifica-se frequentemente na adaptação de termos estrangeiros à língua portuguesa.”

### **3.4. Processos não-morfológicos de formação de palavras**

#### **3.4.1. Palavras onomatopaicas**

Em Villalva (2008:53), estas palavras são formadas por uma sequência de sons de fala que pretendem reproduzir um determinado estímulo sonoro não verbal. Mais adiante, a autora faz notar que “ No Português Europeu, a criação de palavras onomatopaicas é muito pouco frequente e as formas atestadas também não são numerosas.” Por sua vez, Cunha & Cintra (1999:116) dão como exemplos de palavras onomatopaicas os seguintes vocábulos:

tique-taque      zás-trás      zunzum.

Seguidamente, estes autores explicam que, “Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopaica. Assim: ciciar, cicio (cigarra); chilrear, chilreio (dos pássaros); coaxar , coxo (da rã, do sapo).

Villava (ibidem:53) faz notar que, geralmente, as palavras onomatopaicas são usadas em registos particulares, como o da banda desenhada ou a interação verbal com a criança. “Exceccionalmente, a sequência fonética que reproduz o som é formada por uma expressão linguística: é o que se verifica com a designação informal do *colibri* como *bem-te-vi*, ou da *galinha de angola* como *(es)tou-fraca* (ambas atestadas no Português do Brasil)”

As formas onomatopaicas podem servir de base à formação de novas palavras, mas não obedecem a uma regra rígida. Muitas vezes, na formação de tais palavras inserem-se sons que

tornem a sequência foneticamente plausível ou recorre-se ao redobro<sup>3</sup>, como se pode notar, a seguir: clique – clicar, popó, tautau, tlim-tilintar, toctoc.

Para Villalva (ibidem:55), “A existência de empréstimos não impede que diferentes línguas recorram à onomatopeia para formar palavras com um idêntico valor referencial, mas diferentes realizações fonéticas, o que mostra como a motivação física da onomatopeia é frágil e menos motivada do que se esperaria.”

### **3.4.2. A amálgama**

É um processo, nas palavras de Villalva (2008:55), de combinação aleatória de segmento de palavras, que consiste na justaposição da primeira parte da primeira palavra à última parte da segunda palavra. Neste processo, há possibilidade de haver outras combinações:

Fidalgo = filho+ de+ algo; você (*vossemecê, vomecê*) = vossa+ mercê.

Nas palavras da autora, algumas destas palavras estão plenamente integradas no léxico do Português, outras são sentidas como neologismos mais ou menos familiares e mais ou menos bem aceites e integrados, como é o caso de:

Analfabuto = Analfabeto + bruto; Portunhol= português + espanhol; showmício= show+comício.

Repare-se que este processo de formação de palavras é muito frequente na construção de nomes comerciais:

Pretromoc = petróleo + Moçambique; medimoc = medicamentos + Moçambique.

### **3.4.3. A eponímia**

A eponímia consiste em formar um adjetivo, de um nome comum ou de um verbo a partir de um topónimo ou de um antropónimo. Muitos dos eponímios disponíveis no Português são empréstimos, ou são formados sobre um nome próprio estrangeiro, podendo a sua origem ser mais ou menos conhecida e remota (ibidem:56):

---

<sup>3</sup> Dá-se o nome de redobro ou reduplicação “à repetição de uma ou várias sílabas de uma palavra ou à repetição de uma palavra inteira com fins expressivos.” Mateus & Xavier (1992:311).



*Afrodisíaco* – ‘que excita o desejo sexual’, de Afrodite, deusa da mitologia grega que representava o amor.

*Benjamin*- ‘o filho mais novo’, do hebraico Biniamin ‘filho da mão direita e, na Bíblia, filho mais novo e preferido de Jacob’

*diesel*- ‘derivado do petróleo’, de Rudolf Diesel, engenheiro alemão que inventou o motor alimentado por este combustível;

*hambúrguer*- ‘bife de carne picada’, do nome da cidade alemã Hamburg;

tangerina- ‘citrino’, de Tânger, cidade marroquina.

Nas palavras da autora, a eponímia dá origem não a uma forma, mas a um conjunto de formas morfológicamente relacionadas entre si:

*Boicotar, boicote* - de Boycott, nome de um capitão irlandês, que, de exigências excessivas, suscitou uma recusa geral de trabalhar sob as suas ordens;

*linchar, linchamento* – de Lynch, nome de um norte-americano autor de um tipo de punição sumária determinada por um tribunal judicial auto-criado.

#### **3.4.4. A extensão semântica**

Chama-se extensão semântica ou extensão metafórica ao fenómeno de atribuição de um novo significado a uma palavra já existente. A palavra *colgate*, que é uma marca específica, no português falado em Moçambique, sobretudo em Nampula, de tipo de pasta de dentes, passou a significar igualmente qualquer outra marca de pasta de dentes.

Mateus (1990:415) explica que este processo contribui, de forma muito significativa, para o alargamento do léxico de uma língua. Refere, na continuidade da sua explicação, que este processo consiste em atribuir a uma palavra uma nova interpretação semântica.



## SEGUNDA PARTE

### 1. METODOLOGIA DO TRABALHO E ANÁLISE DE DADOS

#### 2.1. Tipo de estudo

Quanto à *abordagem*, o presente estudo pode ser considerado como sendo um estudo qualitativo. Silva & Menezes (2001:20) entendem que neste tipo de abordagem “ há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.” Mais adiante, os autores afirmam que este método “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É Descritiva.”

Na verdade, neste estudo não procuramos quantificar o nosso *corpus*, procuramos, isso sim, mostrar, a partir de exemplos práticos e pragmáticos, como é que alguns vocábulos de origem bantu são transferidos para a língua portuguesa falada em Moçambique, que, neste caso, é língua alvo. Procuramos igualmente mostrar a origem de vocábulo e como vai sendo usado no português falado em Moçambique.

A nossa ambição primária era estudar os vocábulos de origem bantu falados em Moçambique. Mas tal pretensão mostrou-se frágil, uma vez que, por um lado, não iríamos conseguir recolher os vocábulos bantu falados em diversas línguas de Moçambique e, por outro, não teríamos proficiência e domínio das diversas línguas faladas em Moçambique, uma vez que estudos desta natureza exigem que se deem exemplos concretos nas línguas em que se faz o estudo.

Assim, limitamo-nos a fazer recolha de dados de moçambicanismos falados nas províncias de Nampula, Inhambane, Gaza, Tete, Sofala e Niassa.

No que tange aos objetivos, o *estudo é do tipo descritivo*. Segundo Gil (1991), “visa descrever as características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.” Neste

trabalho concreto, a descrição serviu para indicar a origem dos vocábulos e o seu uso contextualizado, sem, no entanto, explicar as razões de tal uso. De facto, fomos fazendo o levantamento de moçambicanismos usados pelos falantes do português em Moçambique. É verdade que grande parte dos moçambicanismos levantados para este trabalho é de Nampula. As razões são óbvias. É que, vivendo em Nampula, facilmente tivemos acesso aos vocabulários usados no dia-a-dia dos falantes do Português em Moçambique e em Nampula, de uma forma particular.

Quanto aos *procedimentos*, o nosso estudo pode ser considerado como o *de levantamento*. Gil (1991), explica que levantamento se caracteriza por se fazer uma interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. O levantamento, no nosso trabalho, não se caracterizou por fazer interrogação direta às pessoas envolvidas na pesquisa, mas caracterizou-se por se fazer registo pontual e rigoroso dos moçambicanismos à medida que iam sendo proferidos pelos falantes, em cada situação de comunicação.

## **1.2. As técnicas de recolha de dados**

Ketele & Roegiers (1999:17) explicam que a recolha de dados é “o processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes, com o fim de passar de um nível de conhecimento para outro nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação, no quadro de uma acção deliberada, cujos objectivos foram claramente definidos e que dá garantia de validades suficientes”.

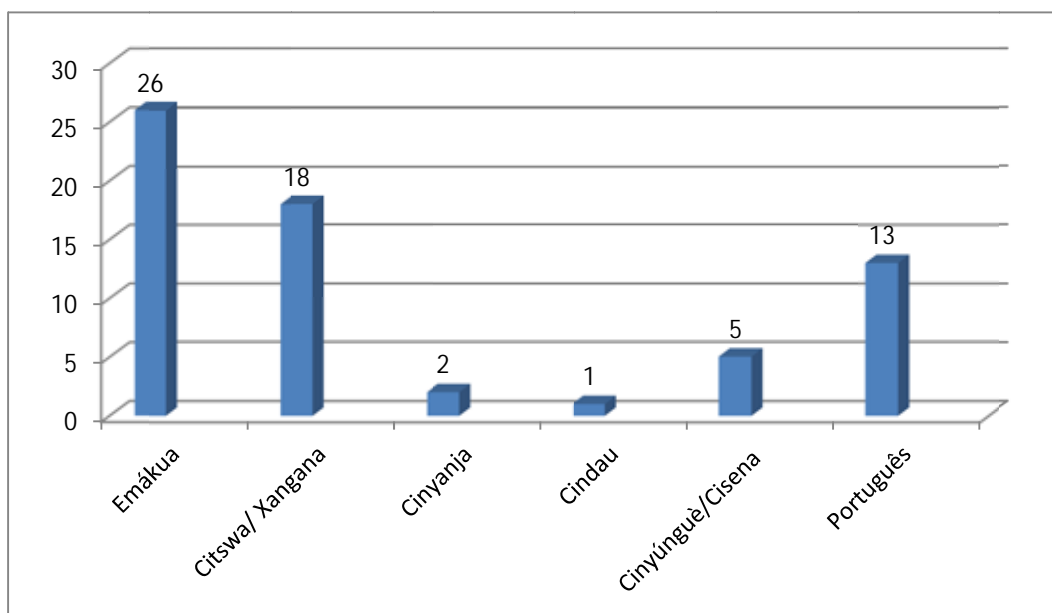
Os dados usados neste trabalho foram recolhidos, principalmente, nas conversas formais e informais, sobretudo, nos mercados, nos transportes públicos, nas festas de casamentos, nos locais de lazer, entre outros locais.

As palavras de Cinyúnguè e do Cisena foram colhidas durante as férias que passamos no distrito de Marrara, Mutarrara e no distrito de Angónia. As palavras de Citswa ouvimo-las nos discursos orais de alguns colegas durante o curso de Licenciatura em ensino do Português, na Universidade Pedagógica. Esses colegas foram responsáveis por explicar o significado de algumas palavras, os quais, durante o presente estudo, foram atualizados. As palavras do Emákua foram recolhidas na comunicação diária.

Para além desta técnica de recolha de dados, fizemos igualmente a consulta de alguns vocábulos usados nas outras províncias, a partir de discurso de alguns colegas, amigos e familiares oriundos de outras partes de Moçambique. Neste processo, tivemos o cuidado de não fazer a recolha de vocábulos que caíram em desuso, como é o caso de palavras como *xiconhoca*, *ninja*, entre outras. Portanto, procurámos, neste trabalho, trazer vocábulos ativos na língua portuguesa falada em Moçambique. Algumas palavras que estudamos neste trabalho já foram amplamente estudados por Lopes (2002), Dias (2002), Sengo (2010), mas, neste trabalho, foram retomadas por possuírem um novo valor semântico, ou por serem usadas de uma forma diferente.

Moçambique é um país com mais de 40 línguas. Seria quase impossível que o nosso estudo procurasse estudar todos os moçambicanismos que são depositados na língua portuguesa a partir dessas línguas. Daí que, neste trabalho, haja palavras de Emákua, Citswa/Xangana, Cinyanja, Cindau, Cinyúnguè/Cisena e do Português, embora haja mais palavras de umas línguas do que de outras, perfazendo um total de 65 vocábulos. O gráfico que se segue ilustra a distribuição dos moçambicanismos oriundos dessas línguas.

**Gráfico 1: Distribuição moçambicanismos oriundos das línguas bantu**



Fonte: autora do trabalho

Conforme o gráfico ilustra, dos 65 vocábulos estudados, 26 são do Emákua, 18 são de Citswa/Xixangana, 4 são de Cinyúnguè, 1 é de Ciyao, 1 é de Cindau, 2 são de Cinyanja e 13 são do Português.

Aquilo a que chamamos moçambicanismos neste trabalho, não passa somente por palavras que foram cunhadas em Moçambique a partir das línguas bantu existentes; incluem-se neste termo palavras de origem portuguesa que, em Moçambique, foram adaptadas a novas realidades, ganhando novos valores semânticos. Estas palavras são abrangidas pelo termo moçambicanismos por, nos seus traços lexicais, se incluírem traços que exprimem apenas realidades socioculturais de Moçambique. Assim, palavras como *magoar*, *doer*, *agradecer* que são amplamente usadas no PE, no nosso trabalho ganham, como referimos, novos significados, e por essa via ganham legitimidade na noção de moçambicanismos.

Em alguns subcapítulos do trabalho, transparece um fundo antropológico. Esse fundo fica a dever-se ao facto de termos entrado em contacto com as pessoas que usam frequentemente determinadas palavras. Assim, entramos em contacto com curandeiros e com as pessoas que dirigem as cerimónias de ritos de iniciação, sobretudo para sabermos a origem de algumas palavras.

## 2. ESTUDO DE MOÇAMBICANISMOS

Nesta parte do trabalho, vamos fazer, apenas, o estudo de algumas palavras do léxico do PM que introduzem novidades semânticas.

### 2.1. Curandeirismo/feitiçaria

#### Origem

As palavras *hirice*, *vovô*, *almofadinha*, *kalibekanthu*, *mpfukhwa*, *passanoite*, *ntchesso*, *wassuwassu*, *thika*, *marido da noite*, *mulher da noite*, *likaho*, *ncoteco*, *tsivela/tsivelar*, *vacinar* e *xitega* pertencem ao mesmo campo semântico. Apesar de haver diferença entre o curandeirismo e a feitiçaria, assumimos, neste trabalho, que ambas as palavras se interrelacionam.

As palavras *hirice* e *almofadinha* são geralmente usadas no Norte, sobretudo em Nampula, para designar o que, em Português, se chama talismã. Elas podem ser de dois tipos: o primeiro tipo é feito com objetivo de prejudicar alguém, para dar azar, para matar ou para qualquer outro tipo de ato maléfico. O segundo tipo é feito com o objetivo de criar uma força contrária àquela, para proteger. Deste segundo tipo podem ser feitos para uma pessoa ser promovida no emprego, para ser bem vista por todas as pessoas, para ser temida e respeitada por outras pessoas. Geralmente toma o formato quadrado, ou redondo e colocam-se, no seu interior, ervas e palavras escritas em árabe, e são forrados, ou com pano escuro, ou com pano vermelho ou ainda com pano branco, conforme a finalidade.

(3).

- a). O Alfredo pôs uma *almofadinha* na minha secretária
- b) Alguém pretende o teu cargo no serviço, foi ao *vovô* e fez um *hirice* para acidentes.

Sengo (2010:72) fala também de outros tipos de amuletos. Fala de *ingu* e *Kuya*. *Ingu*, nas palavras da autora, “constitui uma variedade de amuleto também em forma de almofada que se amarra ao bebé para afugentar maus espíritos. *Kuya* é também um amuleto, mas muito pequeno, usado apenas por mulheres grávidas no momento do parto para afastar o feitiço e o mau olhado. Há também *hirices* grandes, geralmente usados pelos curandeiros e enfeitados por missangas de variadas cores.

No português falado em Moçambique, também se usa o termo *vovô*. Refere-se a um curandeiro.

A palavra *kalibekanhthu*, de *nyanja*, significa, literalmente, que “não há problemas”. É um tubérculo que é usado pelos curandeiros. Acredita-se que este tubérculo possui a capacidade de dissipar todo o tipo de problemas que uma pessoa possui. Muitas vezes é usado pelos dirigentes para os proteger de todas as auditorias que possam ser feitas nas suas empresas. Às vezes, junta-se a este tubérculo a barba de leão, e fazem *hirice* que permite que o seu utente, que, geralmente, é um chefe, seja temido pelos seus colaboradores ou para as suas decisões não serem refutadas pelos seus colaboradores.

A palavra *mpfukwa*, *amupfukwa* é uma palavra de Ndaui, ou Cindau. Ndaui é o povo que ocupa o distrito de Govuro, em Mambone. Fala-se também ndaui em Machanga e Xiluanene. Os ndaui são conhecidos pela fama de serem os maiores feiticeiros, em Moçambique. Acredita-se, entre ndaui, que um espírito de um morto pode encarnar-se num ser vivo e fazer-lhe mal, matá-lo. O *mpfukwa* é um espírito desta natureza, que, a partir de rezas, é enviado a alguém. Diz-se, geralmente, que (2)

(4). A Margarida tem *mpfukwa* da família Cipriano.

Para quebrar o feitiço, a família tem de pagar à família lesada cabeças de gado bovino, ou uma das filhas, geralmente a mais nova, tem de ir prestar serviços à casa da família que envia o espírito, assumindo, nesse processo, o papel de esposa do espírito do defunto e chega a fazer filhos.

Há um outro espírito que se encarna em determinadas pessoas da família, e este espírito chama-se *xicuembo*. O *xicuembo* não mata, é um espírito protetor do indivíduo. Acredita-se que, quando um indivíduo é enfeitado, o *xicuembo* o defende, retardando a morte da pessoa enfeitada, ou eliminando os efeitos desse feitiço. Muitas vezes, a pessoa possuída por esse espírito é eleita para ser curandeira.

(5) O João tem *xicuembo* da avó.

Quanto ao termo *passanoite*, é uma palavra usada pelos curandeiros de Nampula para se referirem ao espírito mau que fica encarnado numa mulher e que a guia a cometer atos de feitiçaria durante a noite. É frequente ouvir-se:



(6). A tua mulher possui um *passanoite*.

As mulheres com esse espírito geralmente não se casam, porque tal espírito assume o papel de marido. Há uma outra versão de *passanoite* que se chama *marido da noite*. A diferença entre estes dois tipos de espíritos é que o primeiro, para além de assumir o papel de marido da mulher em que está encarnado, ajuda a mulher a praticar atos de feitiçaria. O segundo, apenas desempenha o papel de marido. Como referi, as mulheres que possuem *passanoite* ou *marido da noite*, nunca se casam, porque, em todas as noites, sonham que estão a manter relações amorosas com o referido espírito. Também existe *mulher da noite*, que atua sobre os homens, geralmente, jovens.

A palavra *ntchesu* é nativa de Cinyanja. Os nyajas ocupam todo o planalto da província de Tete, apesar de haver variedades. O *nthcesu* possui a fama de ser um *herice* que mata com facilidade. Ao descrever *ntchesu*, usando a grafia de *mutxeso*, Sengo (2010:) explica que “O acto de enfeitiçar pode ser feito por via de envenenamento, através de uma droga denominada *mutxeso*; ou pelo envio de *xipoko* (fantasmas ou espíritos maus).”

(7) Atanásio foi *ntchesulado*.

A palavra *likaho* é usada também em Tete. Afirma-se que os homens que, no tempo colonial, iam trabalhar para a África do Sul, ou para outro ponto do mundo, tinham que ter a certeza de que as suas esposas não se iriam meter com outros homens. Assim, o homem fazia um feitiço chamado *likaho* para a sua esposa, que não era comunicado. Por exemplo, se o homem fizesse *likaho* de canivete (faca), levava consigo a faca para onde ia viajar e, se a mulher fosse para cama com outro homem, a faca, que se mantinha aberta durante o tempo de estadia no local de trabalho, fechava-se e assim o homem sabia que a sua esposa estava, naquele momento, a manter relações amorosas com outro homem. O homem com que a mulher enfeitiçada se metia, mantinha-se ligado à mulher até ao momento em que o marido quisesse abrir a faca. Diz-se que existem vários tipos de *likahos*: de canivete, de cágado, de rato, de peixe, etc. No de peixe, por exemplo, o homem tem de ficar num recipiente com água, depois da relação com a mulher enfeitiçada. Se sair da água, morre.

Os yaos de Mataca, Madjuni, Mavago e outros usam o termo *xitega* para designar um tipo de feitiço igual a *likaho*. Existem cerca de 280 tipos de *xitegas*, segundo os relatos de

alguns curandeiros. Podem fazer *xitega* de cabeças de animais como cágado, galinha, cobra, camaleão, e animais como abelha, escorpião, entre outros. Estas cabeças de animais são queimadas e esmagadas até ficarem em pó e juntam-se ao feijão-buere e à raiz de uma árvore chamada *xilungu* e óleo queimado. Depois de terminado, coloca-se o *xitega* na estrada, fazendo rezas para que um determinado fenómeno mau aconteça num determinado indivíduo.

As palavras *nkoteco*, *nkotsolo*, *wassuwassu* são palavras que se referem ao ato de encantar um homem. Há muito tempo, porque as mulheres dependiam do homem com quem se casavam para sobreviver, procuravam fazer com que o homem não saísse de casa, ou se saísse, não se apaixonasse por outras mulheres, o que permitia que a mulher se mantivesse por muito tempo no lar. Atualmente, faz-se *nkoteco*, *nkotsolo*, *wassuwassu* para fazer com que o homem não reaja negativamente quando a mulher é, sobretudo, prostituta. Diz-se, geralmente, que

(8)

- a. Você deu *nkoteco* ao seu marido para não sair de casa? Ou
- b. Aquele homem foi *nkotsolado*.
- c. A mulher daquele homem deu-lhe *wassuwassu*.

O *nkoteco*, que, geralmente, é feito com pó de uma planta, é colocado na comida que somente é servida ao homem. Aqui, é importante referir que, apesar de ambas as palavras significarem encantar um homem ou mulher, não significa que o modo como os seus produtos são preparados seja o mesmo. Do mesmo modo que há vários tipos *xitegas*, há vários tipos de *nkotecos* e de *wassuwassu*. Há, por exemplo, *nkotecos* somente para fazer com que a mulher, mesmo que cometa um grande erro, o homem desconte tal erro, sem perguntar as razões de cometimento do erro. Há *nkoteco* que faz com que no homem, quando este estiver para trair a sua esposa, o órgão sexual não tenha a energia necessária para realizar o ato sexual; há *nkoteco* que serve para que o homem não consiga dizer a outras mulheres que gosta delas, e por aí adiante.

Há uma outra forma de encantar um homem, que se faz a partir de um processo que se chama *tsivela/ tsivelar*. Este processo faz-se quando uma mulher deseja um homem que não a conquista. É uma raiz de uma planta que se esfrega numa pedra e, ao pó daí resultante,

adiciona-se um pouco de água e a mulher esfrega-o na testa, pedindo que o homem que pretende vá ao seu encontro para a conquistar.

A palavra *thika*, em cinyúguè significa hiena. Acredita-se, entre os manyungues, que uma pessoa, feiticeira, se transforma, de noite, em hiena para ir caçar as suas presas. Mais do que isso, acredita-se que as pessoas que possuem esses poderes, quando morrem, depois de enterradas, ressuscitam em forma de hiena. Na campa do morto que se transforma em *thika*, no terceiro dia, na parte superior da campa, surge um buraco. Quando assim acontece, diz-se que

(9). Antonieta tornou-se *thika*.

Finalmente, a palavra *vacinar* é usada geralmente na área de curandeirismo para se referir ao ato de, depois do tratamento de uma determinada doença ou feitiçaria, o curandeiro fazer tatuagens no corpo do doente, para que o feitiço não volte a atacá-lo. A tatuagem é feita com uma lâmina e nos ferimentos coloca-se um pó preto. Fazem-se igualmente *vacinas*, quando se pretende proteger alguém do feitiço. Dá-se primeiro o banho de ervas ou de sangue de animais para purificar o corpo e depois faz-se a *vacina*, para terminar o tratamento. Geralmente, o tratamento é acompanhado por algumas proibições, ora não se pode comer feijão-jugo, ora não se pode comer folhas de abóboras, ora não se pode comer folhas de batata-doce, etc..

(10). A Maria *vacinou-se* em todo o corpo.

### **Classificação dos moçambicanismos**

#### **Inovações do Português**

#### **Neologismos semânticos**

As palavras *almofadinha*, *vovô*, *vacinar* existem no léxico do português. A palavra *almofadinha*, no *Dicionário Eletrónico* de Houaiss, é um substantivo feminino e significa almofada pequena; pequena almofada para prender alfinetes ou agulhas; rodilha de pano ou palha que os carregadores colocam na cabeça como proteção contra os fardos que carregam, mas também pode ser adjetivo de dois géneros e substantivo de dois géneros. No Português moçambicano, por extensão semântica, esta palavra ganhou um novo significado: amuleto.

Já a palavra *vovô*, segundo o mesmo dicionário, é um substantivo masculino e significa “o pai do pai (avô paterno) ou da mãe (avô materno) de um indivíduo; avô”, sendo um uso informal, com entrada em 1899. Esta palavra, no Português falado em Moçambique, sobretudo em Nampula, significa curandeiro, por extensão semântica.

A palavra *vacinar* é um verbo transitivo direto e pronominal e significa “imunizar o organismo de (pessoa, animal, coletividade ou de si próprio) contra agentes patogênicos (micróbios, vírus etc.), por meio de vacina.” No *Dicionário Universal* (2003:1490) refere que este verbo é transitivo direto, e que significa praticar a vacinação. Mas essa vacina descrita aqui não é feita por meio de lâmina, é, isso sim, feita por meio de uma seringa.

### **Neologismos formais**

As palavras *passanoite*, *marido da noite*, *mulher da noite*, não foram atestadas nos outros estágios da língua portuguesa, daí que se consideram neologismos formais. São palavras formadas por processo de composição por justaposição. A palavra *passanoite* é estruturalmente composta pelas palavras *passa*, do verbo passar e pela palavra *noite*, que é um substantivo feminino, significando o espaço de tempo entre o crepúsculo da tarde e o crepúsculo da manhã, escuridão ou trevas, daí que podem ser considerados neologismos formais.

As palavras *marido da noite*, *mulher da noite* também são classificadas como neologismos formais e as suas estruturas são compostas. Na primeira temos a palavra *marido* (*sub*) e na segunda palavra temos *mulher* (*sub.*). Ambas as palavras ocorrem com as preposições *de* e a palavra *noite*.

### **Empréstimos de outras línguas**

As palavras *hirice*, *wassuwassu*, *thika*, *kalibekanthu*, *mpfukwa*, *ntchesou*, *likaho*, *xitega*, *xicuembo*, *nkoteco*, *tsivela*, são empréstimos das línguas bantu.

A palavra *hirice* é substantivo, um empréstimo feito do árabe e que, pelo contacto que esta língua teve com o emákhua, passou a pertencer ao léxico do emákhua e que por essa via entrou no léxico do Português falado em Moçambique.

Já as palavras *wassuwassu*, *tsiwela* e *nkoteco* são, respetivamente, de emákhua e do cinyúngue. Assim estas três palavras podem ser consideradas como empréstimos necessários.

As palavras *thika*, *ntsesu*, *likaho* são substantivos de cinyúnguè, que entram, naturalmente, para o léxico do português falado em Moçambique, sendo por isso considerados empréstimos necessários. Gostaria, aqui, mais uma vez, de recordar que, o que chamamos empréstimos necessários, são um conjunto de palavras que, pela sua natureza e função, não possuem uma palavra correspondente no português europeu, sendo por isso, muitas vezes, o falante do português que possua uma determinada língua bantu como a sua primeira língua, obrigado a usar estes termos quando estiver a proferir um discurso em Português.

A palavra *kalibekanthu* é um substantivo do Cingoni, que é variante do Cinyaja falada no distrito de Agónia e Tsangano. Consideramos igualmente este um empréstimo necessário. Já as palavras como *xicuembo*, *mpfukwa* são substantivos de Xitswa ou Xichangana e Cindau respetivamente. Também estas palavras devem ser consideradas como empréstimos necessários. É empréstimo necessário, igualmente a palavra *xitega*, que é do Ciyao.

### **Os processos de formação das palavras**

Os processos usados para a formação de palavras *herice*, *vovô*, *almofadinha*, *kalibekanthu*, *mpfukhwa*, *Passanoite*, *Ntchesso*, *wassuwassu*, *thika*, *marido da noite*, *mulher da noite*, *likaho*, *Ncoteco*, *tsivela/tsivelar*, *vacinar* e *xitega*:

#### **i). Extensão semântica**

Dissemos que as palavras *almofadinha*, *vovô* e *vacinar* já existem no léxico do Português. A novidade nestas palavras é que, no português falado em Moçambique, estas palavras deixam, apenas, de significar *almofada pequena*, no caso da palavra *almofadinha*; *avô*, no caso da palavra *vovô* e *imunizar o organismo* de (pessoa, animal, coletividade ou de si próprio) contra agentes patogénicos (micróbios, vírus etc.), por meio de vacina, para o caso da palavra *vacina* e por meio de seringa e medicamentos convencionais, protegendo a pessoa de enfermidades cientificamente comprovadas, para significar, apenas, imunizar o corpo de uma pessoa contra feiticeiros, a partir de tatuagem no corpo da pessoa, por meio de uma lâmina. O que nos parece, é que estas palavras ganham novos significados, no geral, o que nos permite afirmar que são palavras formadas, no português de Moçambique, pelo processo de extensão semântica.

## ii) composição por justaposição

A palavra *Passanoite* foi formada a partir de duas palavras, cada uma conservando a sua integridade: *passa* + *noite*, mas subordinadas ao mesmo acento. As palavras *mulher da noite* e *marido da noite* são igualmente formadas por duas palavras que são, para o primeiro caso, as palavras *mulher*+ *noite* e para o segundo caso, são as palavras *marido*+ *noite*. Todas as palavras que foram usadas para a *composição* das três palavras existem no léxico do português. O processo de formação destas palavras também existe no português. A novidade situa-se no facto de as palavras formadas por esse processo não existirem no léxico do português.

## iii) Empréstimo das outras línguas

Para além das palavras acima analisadas, as restantes são palavras que foram emprestadas de outras línguas. A palavra *herice*, como já fizemos referência, foi emprestada do árabe e entrou no léxico do português falado em Moçambique como um substantivo a partir do emákua. As palavras *kalibekanthu*, *mpfukhwa*, *ntchesso*, *wassuwassu*, *thika*, *likaho*, *ncoteco*, *tsivela* e *xitega* são substantivos que entraram para o português a partir das línguas cingoni, cindau, cinyungue, emácua e ciyao.

## 2.2. Ritos

### Origem

A palavra *nicahe* refere-se ao casamento tradicional muçulmano. Como pode notar-se, a palavra é de origem árabe e entrou para o português falado em Moçambique a partir do emákua. O casamento de *nicahe* é celebrado por um xehe e geralmente envolve baixo custo. Quando as pessoas não possuem possibilidades de celebrarem um matrimónio no cartório, frequentemente dizem que:

(11) Vamos fazer um casamento de *nicahe*.

Mas o casamento de *nicahe* não pode ser visto como sendo, apenas, aquele que envolve pouco custo. Deve-se perceber, antes, que é um casamento religioso.

O *emwali* é uma cerimónia destinada aos rapazes e às raparigas que se situam na idade inferior à puberdade. A duração do ritual é de 1 a 3 meses. Nesses ritos, as meninas aprendem a respeitar os mais velhos, a cuidarem do lar, do marido e dos filhos. Os rapazes aprendem a saber cuidar do lar, a respeitar os mais velhos e é, sobretudo, nestes ritos de iniciação que se faz a circuncisão. O ritual acontece, muitas vezes, numa mata fechada ou num quintal destinado para o efeito, aos quais, no caso das meninas, só têm acesso as mulheres iniciadas e para o caso dos rapazes, os homens iniciados. Diz-se que

(12). A Maria foi a *emwali*.

Repare-se que a palavra serve tanto para designar a cerimónia, como para designar a pessoa que vai ser iniciada, daí ser possível dizer-se que

(13). A Maria é *emwali*.

A palavra *haramu* é um empréstimo do árabe. Diz-se que é *haramu* toda a coisa que não é *halali*, limpa, santa. Inicialmente, a palavra era usada para designar carne/animais como porco, patos, entre outros, os quais são considerados impuros pela religião muçulmana. Com o tempo, e por via de extensão semântica, esta palavra é usada igualmente para designar um indivíduo com comportamento igual ao desses animais, sobretudo em frases ou interjeições de irritação. Assim, é possível ouvir, entre os falantes do português em Nampula, frases do tipo:

(14). Por que tu não ouves? *haramu*!

*Halali* é antónimo de *haramu*. É um termo árabe introduzido no emakua e significa purificado. Nos dias que correm este termo é usado para designar algo que é puro:

(15). Vamos comer *halali* aos bombeiros (= vamos comer algo sagrado (sem pecado, permitido pela lei muçulmana) aos bombeiros

Nos diversos mercados da cidade de Nampula, muitos clientes, ao procederem à compra de géneros alimentícios como peixe, batata, cebola, tomate entre outros, falam desta maneira ao vendedor:

(16). Quero uma balança *halali* para pesar 5 quilos de batata e peixe.

que significa ‘uma balança com peso certo’, isto é, ‘sem desfalque’ no peso, ‘prejuízo’ para o cliente.

Já as palavras *pitakufa*, usada em *cisena*, e *kutchinga*, usada em *xixangana*, referem-se a uma cerimónia que se faz quando há infelicidade, e significa purificação. Quando o filho mais velho de uma família morre, depois de fazer o *lobolo*, a família do falecido reúne-se para decidir sobre o futuro da viúva. Neste período, um dos familiares diretos do falecido, de preferência o irmão mais novo do falecido, deve manter relações sexuais com a viúva para a purificar. Explica-se que essas relações sexuais servem para purificar a viúva da sobra do falecido, de modo que, quando for casada numa outra família, a sobra do malgrado não incomode a nova relação da viúva. A propósito, Paulina Chiziane, em *Nikeche* escreve o seguinte:

(17). “Sinto alguma coisa quente que toca no meu ombro. É uma mão. Um braço. Sinto cheiro de homem. Uma corda arrebatava-me pela cintura. É o outro braço que me enlaça, que me rapta. Chegou a hora do *kutchinga*<sup>4</sup>, a tradição entrega-me nos braços do herdeiro”. (Chiziane, 2002:223)

Entre os manhúngues, trinta dias depois de alguém morrer, faz-se a cerimónia de *bona*. Os matswas e os maxanganas fazem *mphamba*. Esta cerimónia, em que se matam animais, se fazem várias bebidas tais como *kabanga*, *maheu*, *uputsu*, *utchema* e se fazem comidas tais como *atitchota*, *atihowe*, *axiguinha*, entre outras, serve de elo de comunicação entre os vivos e o morto. Acredita-se que o morto costuma ter informações para transmitir aos vivos. Nessa cerimónia, a partir de um curandeiro, invoca-se a alma do malgrado para ele poder expressar-se. Ainda, nesta cerimónia, pede-se à alma do malgrado para se juntar à alma dos demais familiares e chama-se para a casa. A partir dessa data, ao fazer *akupatlha*, que é o ato de invocar os espíritos dos antepassados, já se pode invocar o nome do recém-falecido. Daí que se diga:

(18)

---

<sup>4</sup> O itálico é nosso.



- a. Ontem fizemos *bona* do tio Alfredo.
- b. Na próxima semana faremos *mphamba* do avô Alfoi.
- c. O Vovô Julião tem de *patlhar*, pedindo para a nossa viagem correr bem.

### **Classificação dos neologismos**

#### **Empréstimos de outras línguas**

As palavras *nikahe* e *xehe* que designam a cerimónia de casamento e sacerdote são ambas do árabe que passaram para o léxico do emakua. Por essa via, entraram para o emergente PM, como substantivos. Também são árabes, e entraram também para o Português falado em Moçambique, a partir do Emákua as palavras *emwali*, *haramu* e *halali* e são adjetivos. A primeira refere-se a uma donzela, a segunda refere-se a um ímpio, impuro e a terceira refere-se a algo santo, puro. Podemos afirmar que as 5 palavras do Emákua, são empréstimos necessários.

Já sobre as palavras *kupitakufa/kutchinga* diria que são uma espécie de entronização e que entram para o português falado em Moçambique a partir do *Cisena* e do *Xixangana*, respetivamente. Ambas as palavras são substantivos e também podem ser considerados empréstimos necessários. Por sua vez, as palavras *bona*, *mphamba* e *akuphatlha* são substantivos do *Cinyúnguè* e do *Xangana* e do *Xitswa* respetivamente. As primeiras duas palavras correspondem a uma espécie de missa aos defuntos e a terceira significa invocar os espíritos. Também podem ser considerados empréstimos necessários. As bebidas *kabanga*, *maheu*, *uputsu*, *utchema* de *Citswa*, são substantivos. As três primeiras bebidas são feitas de cereais, com a diferença de *maheu* ser uma bebida doce e a *kabanga* e *uputsu* serem bebidas alcoólicas e não parece haver correspondentes em português, daí classificarmos-las como necessários. Por fim, as iguarias como *atitchota*, *atihowe*, *axiguinha* do *Citswa*, não encontram, igualmente, correspondentes em português, daí serem classificadas como empréstimos necessários. Todas estas palavras não foram geradas do português e não existem, é o que me parece, palavras que as possa substituir no discurso feito em Português.

## O processo de formação dos neologismos

Podemos afirmar que estes neologismos não apresentam nenhuma novidade nas suas estruturas. Todas as palavras entram para o Português falado em Moçambique e mantêm a ortografia original. Mas, com o decorrer do tempo, é natural que comecem a adotar a grafia às normas do Português.

### 2.3.Sentimentos

#### Origem

Nesta parte do trabalho, vamos analisar as palavras *agradecer*, *doer* e *mwelelar*. A palavra *agradecer* significa, no dicionário de Houaiss, ‘mostrar ou manifestar gratidão, render graças, penhorar, reconhecer’. Pode ainda significar ‘compensar de maneira equivalente; retribuir, recompensar’. No emergente português de Moçambique, sobretudo em Nampula, a palavra *agradecer* significa *conformar-se ou ter paciência*. Assim, é possível ouvir discursos do tipo:

(19). Se esqueceste o teu celular na sala, é só *agradecer*, não vai apanhar mais, roubaram-no.

A palavra *doer* também existe no léxico do Português europeu e no português brasileiro. No emergente Português de Moçambique, a palavra *doer* significa originar *dor* em alguém, *bater em alguém*, como em

(20)

- a. Estás a provocar-me, eu vou-te doer.
- b. Doeste-me aqui no pé.

Já a palavra *mwelelar* entra no português falado em Moçambique a partir do Emákua. Nesta língua, esta palavra significa cobiçar. Nos discursos produzidos por falantes do português em Nampula, é frequente ouvir-se discursos do tipo:

(21) O João está a *mwelelar* o meu carro.

## **Classificação dos neologismos**

### **Inovações do Português**

#### **i) Neologismos semânticos**

As palavras *agradecer*, *doer* existem no léxico do Português, estão dicionarizadas; podemos afirmar, por isso, que são neologismos semânticos, porque apenas lhes foi atribuído um novo sentido, expandindo, desta forma, o seu sentido. A palavra *agradecer* é um daqueles verbos que se chamam pró-verbos, já que, possui múltiplas regências, destacando-se a de transitivo direto e significa mostrar ou manifestar gratidão, render graças, penhorar, reconhecer.

No emergente Português de Moçambique, esta palavra, para além dos significados acima referidos, significa também *conformar-se ou ter paciência*.

Já a palavra *doer*, que também é portuguesa, pode ser um verbo transitivo ou intransitivo, dependendo das circunstâncias. No emergente PM, acresce-se mais um significado que é o de bater em:

(22). Eu vou-te doer.

#### **ii). Empréstimos de outras línguas**

Por sua vez, a palavra *mwelelar*, como fizemos referência anteriormente, é do Emákua e significa cobiçar e entra como um verbo transitivo direto, daí ser um empréstimo de luxo, uma vez existir uma palavra correspondente no PE

## **Processo de formação dos neologismos**

Quanto à forma, nos verbos *agradecer*, *doer* não houve nenhuma inovação a nível da forma, mas na palavra *mwelelar*, não nos parece ter existido antes no léxico do Português, parece-nos, isso sim, ter sido cunhada por necessidades pontuais de comunicação, mas a sua estrutura ilustra que há um hibridismo, porque os morfemas (-ar), indicam que o verbo é da primeira conjugação, em Português e que está no infinitivo. Mas em Emákua, o morfema (mwelel-) não corresponde a morfema lexical, portanto, este morfema não aponta para nenhuma realidade extralinguística, como acontece com os morfemas lexicais.

## 2.4. Mercado

### Origem

Vamos, nesta parte do trabalho, fazer o estudo das palavras *bacela*, *barraca*, *banca*, *calamidade*, *kaudjike*, *kacena ku nyartanda*, *napwati*, *madjolidjo*, *tchampali*.

A palavra *bacela* é um termo usado frequentemente por vendedores e compradores de produtos à venda nos mercados. Para Lopes (2002:26), “*bacela*” significa dar a mais (*em excesso*) para além do que é devido no ato da compra de um produto (*em geral amendoim, castanha, peixe, fruta, legumes, rebuçados*) ou do pagamento de serviços prestados; dívida; marca de gratidão. De facto, esta palavra não consta no dicionário do português Europeu, mas tornou-se de uso quotidiano no PM, sobretudo em ambientes onde se comercializam produtos, sobretudo, os massivos.

(23). Comprei as cinco latas de milho, agora falta *bacela*.

No que tange às palavras *barraca* e *banca* são ambas conhecidas e usadas tanto no PE, como no PB. O *Dicionário Universal de Língua Portuguesa* (2000:201) refere que a palavra *barraca* significa “casa provisória de madeira ou lona, geralmente de pavimento térreo; tenda de campanha ou de feira; casa humilde; choupana, guarda-chuva grande. Lopes (2002:29) diz que, no emergente PM, esta palavra significa “quiosque, mini-bar instalado numa construção de madeira, chapa metálica ou blocos de cimento (...) [que] funciona, regra geral, em regime de comércio informal”. De facto, é nesta noção que se produzem enunciados como:

(24). Passa por minha *barraca* para tomar uma 2M<sup>5</sup>.

Repare-se que há, portanto, uma tendência para se considerar *barraca* todo o local onde se vendem bebidas industrializadas. Nas zonas suburbanas, em Nampula, por exemplo, o lugar onde se vendem bebidas de fabrico caseiro como *cabanga*, *mutchekele*, *cachassa*, etc., não se chama *barraca*, chama-se *khangala*. As *barracas* distinguem-se das *banca*s, pois enquanto naquelas se vendem bebidas alcoólicas, nestas vendem-se produtos não alcoólicos.

---

<sup>5</sup> Marca de cerveja produzida em Moçambique.

O termo *calamidade* é do léxico do Português e significa desastre natural. É nessa aceção que também entra no português em Moçambique. Nos anos 80, devido à nudez que assolava o país, a Europa doou a Moçambique roupa usada, que, naturalmente, era para minimizar o sofrimento causado por falta deste produto. Pouco tempo depois, a palavra *calamidade* que, até então, era aplicada a desastre natural, passou a significar também a roupa usada que era doada para estancar o problema da nudez. É nestes termos que neste período, surgem expressões linguísticas como em (25)

(25)

- a. Vou ao mercado comprar *calamidade*.
- b. A Maria usou *calamidade*.

O termo *calamidade*, em Nampula, por exemplo, é também usado com o significado de “fácil aquisição, que não resiste ou que não nega”:

(26). Aquela mulher é *calamidade*.

Entre os manyúngues, usa-se geralmente a palavra *kaundjike/a*, do verbo *kaundjika*, que quer dizer acumulado para designar, apenas, a roupa usada.

Fala-se em Tete que

(27) Vou a *kacena ku nyartanda* comprar *kaundjike*.

A palavra *kacena ku nyartanda*, empregue em (27) refere-se a um mercado grossista da cidade Tete, que se localiza no vale de *Nhartanda*.

As palavras *napwati* e *madolidjo* entram para o português falado em Moçambique a partir do *Emákua* e do *Cisena*, respetivamente. Ambas as palavras se referem ao indivíduo que carrega as compras de um indivíduo até ao local onde vai, o qual paga o trabalho feito com uma quantia de dinheiro bastante irrisório. Os *madjolidjos*, e os *napwatis*, às vezes, costumam ser meninos da rua, que param à entrada das lojas para pedir para carregarem as compras de um determinado indivíduo, mas também podem ser senhores sem emprego, que, geralmente, procuram algo para sustentar as suas famílias.

(28)

- a. Não gosto de *madjolidjos*, porque às vezes roubam-me os produtos.
- b. Quero um *napwati* para carregar os meus produtos.

Mas quando o trabalho a fazer não é muito breve, como é o caso de *napwati* e de *madjolidjo*, e se prolongou por umas horas, pode-se chamar *ganho-ganho*. Pode-se comparar o *ganho-ganho* com um trabalho feito por tarefeiros. A diferença pode residir no facto de os tarefeiros, às vezes, celebrarem um contrato e poderem receber os seus ordenados no fim de mês. As pessoas que fazem o *ganho-ganho* são pagos no fim da jornada em dinheiro ou em produtos. Por exemplo, a uma pessoa que vai fazer *ganho-ganho* numa *machamba*, é-lhe dada uma porção de terra para lavrar ou para sachar e, no fim do trabalho, que, geralmente, ocupa algumas horas, recebe o seu dinheiro ou produtos.

(29) Pergunto se nesta *machamba* há *ganho-ganho*.

Note-se que mesmo as pessoas que trabalham em determinadas empresas, se recebem ordenados baixos, dizem que:

(30). Vou ao meu *ganho-ganho*.

Usa-se frequentemente a palavra *tchampali*, do Emákua, para designar os chinelos que são usados para o banho. Daí que no emergente PM sejam legítimas estruturas linguísticas do tipo:

(31). A Maria calçou *tchampali*.

### **Classificação dos neologismos**

#### **i) Neologismos semânticos**

As palavras *barraca*, *banca*, *calamidade*, como pudemos mostrar ao logo do trabalho, pertencem ao léxico do português, podemos, por via disso, afirmar que são neologismos semânticos, uma vez que no emergente PM, elas, apenas, ganharam um novo valor semântico.

## ii). Empréstimos de outras línguas bantu

A palavra *bacela* é usada tanto em Emakua, como em Xixangane, Cinyúnguè e *Citswa*. Assim, podemos dizer que esta palavra é um empréstimo das línguas bantu faladas em Moçambique e corresponde a um neologismo necessário. A palavra *kaudjike*, *kwacena* *kunyartanda* são empréstimos do Cinyúnguè e, como não existem palavras correspondentes na língua portuguesa, podemos dizer que são empréstimos necessários. Por sua vez, as palavras *Napwati*, *tchampali* e *madjolidjo* são substantivos que entram para o português a partir do Emákua e do Cinyúnguè. Todas as palavras são empréstimos de luxo, uma vez entendermos que existem palavras correspondentes na língua portuguesa.

### Processo de formação dos neologismos

Quanto à forma, não houve nenhuma inovação a nível da forma dos substantivos *barraca*, *banca* e *calamidade*. Também não existe nenhuma inovação na forma das palavras *napwati*, *madjolidjo*, *tchampali* e *kaudjike*. A palavra *kacena ku nyartanda* é uma palavra composta por justaposição. É composta pela palavra *kucena*, que quer dizer amanheceu, que é uma forma verbal do verbo “kucena”, que é amanhecer e a palavra *nyartanda*, que é um topónimo.

## 2.5. Culinária

### Origem

Nesta parte do trabalho, pretendemos estudar os moçambicanismos que se usam na área de culinária. Vamos, deste modo, analisar os vocábulos *revoada*, *matapa*, *tocossado*, *karataka*, *xiguinha*, *nkhongue*, *tihowe*, *titchota*.

Existe em Cinyúnguè e em Cisená a palavra *kutokota*, que significa estar maduro ou estar cozido ao lume. Pensamos que a palavra *tocossado* nasceu deste verbo. O certo é que, em Emákua e em Cisená, esta palavra é amplamente usada para designar a preparação do peixe, ou carne de cabrito, sem tempero. Às vezes, usa-se apenas, como tempero, mangas verdes (em Nampula, sobretudo).

(32) comi *tocossado* de peixe.

Já a palavra *revoada* é usada no emergente PM e é do Emákua. Designa-se como *revoada* o caril de galinha esfumado com capim. É um dos pratos preferidos para servir de petisco no ato de tomar a cerveja ou outro tipo de bebida.

(33) peço um prato de *revoada* para o meu petisco.

Nas zonas rurais, a *revoada* é acompanhada com *karakata*, que é também uma palavra do Emákua. A *karakata* é uma espécie de massa que se obtém a partir de mandioca seca. Costuma-se dizer:

(34) Peço um prato de *revoada* com *karakata*.

De acordo com Dias (2002:154), palavra *matapa* significa uma preparação culinária feita a partir de folhas de mandioca, as quais são piladas; já ao lume e, de preferência, numa panela de barro, adicionam-se amendoim ou amêndoas de castanha de caju. Pode-se, no ato da sua preparação, adicionar, ainda, o camarão fino. É prato típico do sul do país. Em Angónia, por exemplo, distrito do norte da província de Tete, na preparação desta verdura, que costuma ser designada como *nkamba*, não se usa o amendoim ou amêndoa de caju. Ao invés desses temperos, usa-se a cinza, a qual faz com que a cor verde da *matapa* permaneça.

É legítima no PM uma frase como

(35). Vamos comer arroz com *matapa* ao jantar.

Refira-se ainda que, nas cerimónias de casamento, sobretudo, no Sul do país, é uma das iguarias importantes e solenes para o evento e é acompanhada com *titchota*. *Titchota* é feito por milho, o qual é passado por um moinho, que lhe dá a forma de arroz.

Entretanto, em Nampula, Niassa, Cabo Delgado, norte do País, a palavra *matapa* é extensiva a qualquer verdura, desta forma, é possível ouvir-se nestas regiões do país frases do tipo:

(36). Vou comer *xima* com *matapa* de couve/abóbora/mandioca.

Ainda no sul do país, na cerimónia de casamento, são também frequentes iguarias como *xiguinha*, *tihowe*. Chama-se *xiguinha* a um cozinho de *mandioca* com *ncacana*



temperado com amendoim. A palavra *ncacana* é usada igualmente no PM para se referir a um tipo de ervas bastante amargas, que servem, geralmente, na culinária do sul do país, de acompanhantes de diversos tipos de pratos. Já a palavra *tihowe*, indicando também uma iguaria preferida nos casamentos, é preparada com milho seco, que é pilado para lhe retirar o farelo, e adiciona-se o amendoim e feijão jugo, ou feijão nhemba.

(37)

- a. Hoje comi *xiguinha* ao almoço.
- b. Quero *xima* com *ncacana*.
- c. Vou comer o *tihowe* ao matabicho<sup>6</sup>.

A palavra *nkhongue* entra para o português falado em Moçambique a partir do Cinyúnguè. Quando os anyúngue matam o cabrito, cozinham à parte o fígado, as dobradas e as tripas. Cortam o fígado aos nacos, que são envolvidos por pedaços de dobradas e enrolados por tripas. A este prato chama-se *nkhongue* e, atualmente, faz parte do menu principal das iguarias desta província. Assim, costuma-se dizer entre os manyúngues que:

(38) Comi *xima* com *nkhongue*.

### **Classificação dos neologismos**

#### **Neologismos semânticos**

A palavra *revoada* possui uma entrada no léxico do Português como sendo a retoma do voo, bando de pássaros que revoam; bando alegre, motivado. Não podemos neste momento precisar que é deste substantivo que entra para o Português falado em Moçambique, mas esta palavra é também um substantivo, com o sentido de uma ave, sobretudo, uma galinha que depois de depenada, é esfumaçada. Daí que possamos dizer que é um neologismo semântico.

#### **Empréstimos de outras línguas**

As palavras *matapa*, *tokossado*, *karataka*, *xiguinha*, *nkhongue*, *tihowe*, *titchota*, *ncacana*, são todas substantivos emprestados das línguas bantu. *Matapa*, *xiguinha*, *tihowe*, *titchota*, *ncacana* são palavras que foram emprestadas do xixangana e do Citswa. Já a palavra

---

<sup>6</sup> Pequeno almoço.

*tokossado* é um substantivo que foi emprestado do cisená. Por sua vez, a palavra *karakata* é do Emákua e a palavra *nkhongue* é um substantivo que foi emprestado do Cinyúnguè. Já que todas estas palavras não existem no PE, podemos afirmar que são neologismos necessários.

### **Processo de formação dos neologismos**

Quanto à forma, as palavras *revoada*, *matapa*, *tokossado*, *karataka*, *xiguinha*, *nkhongue*, *tihowe*, *titchota*, *ncacana*, parecem-nos não possuírem nenhuma inovação na sua forma.

## **2.6. Dispersos**

### **Origem**

Nesta palavra parte do trabalho, pretendemos analisar as diversas palavras que não conseguimos agrupar. Assim, vão ser estudados os vocábulos *pwelar*, *comer*, *tchovar*, *axinene*, *arivava*, *anakhata*, *mukunha*, *sograria* e *jogar*.

Uma palavra bastante usada nos comícios populares e nas campanhas eleitorais quando os políticos se querem aproximar do seu eleitorado é a palavra *axinene*. Esta palavra é do Emakua e significa indígenas, nativos. Nos comícios, ela é usada como um grito, o qual serve para galvanizar as pessoas, quando já estiverem cansadas de ouvir os discursos. Geralmente é usada quando o discurso é proferido em Português e os ouvintes não percebem a língua portuguesa, como uma estratégia de os políticos se aproximarem do eleitorado e assim conquistarem a simpatia dos ouvintes. A pessoa que estiver a dirigir o comício ou a fazer a campanha eleitoral grita:

(39) *Axineneeee*

e a outra parte responde:

(40): *arivava*

A palavra em (38) significa “estão aqui”. Traduzido para o português, a expressão significa “os nativos... estão aqui”. Depois de galvanizar a população com esta expressão, a pessoa que faz o discurso volta a retomar a língua portuguesa.

Às vezes, passear pelos subúrbios da cidade de Nampula é muito perigoso porque o indivíduo pode deparar-se com os *anakhatana*. Os *anakhatana* são jovens marginais que, na calada da noite, deambulam pelos subúrbios da cidade de Nampula, roubando e usurpando os bens de pessoas alheias, com recurso a uma catana. É uma palavra com um valor semântico igual a *ninja*, outrora bastante usada na cidade de Maputo para se referir a pessoas que cometiam crimes desta natureza. As pessoas que sofrem estas agressões dizem geralmente que:

(41) Ontem encontrei-me com *anakhatana*.

A palavra *opwela* do Emákua, deu origem à palavra *pwelar*. Etimologicamente, a palavra significa estar farto ou estar cansado. É por esta via que esta palavra entra para o Português. Na verdade, este vocábulo, no português falado em Moçambique, é geralmente usado pelos mais jovens e costumam dizer que:

(42). Esta música já me *pwelou*.

Já a palavra *comer* tem sido usada numa forma diferente, com o significado de *usar* no português falado em Moçambique. Pode ouvir-se, no PM, frases do tipo

(43). Patrão, paguei chapa<sup>7</sup> com 10 meticais e *comi* 5.

Já a palavra *jogar* existe no PE e no PB e, no exemplo seguinte, é uma das formas do verbo *jogar*, no pretérito perfeito do indicativo, na primeira pessoa do singular. No emergente PM, esta forma verbal significa, para além das acepções acima referenciadas, *aldrabar*, *ludibriar*.

(44). António, onde conseguiste tanto dinheiro? – *Joguei* um fulano por aí.

Os macuas, quando se deparam com um branco, chamam-lhe *mukunha*. Já os manyungues, os masenas e anyanja usam a palavra *muzungu* para também designar senhor ou senhora, *pessoa de cor, branco/branca*. Muitas vezes, estas palavras são usadas igualmente para designar os negros que vivem como brancos, os ricos ou os que possuem um estatuto social elevado. Uma frase como:

---

<sup>7</sup> Chapa-cem: transporte público.

(45) A Rosa é *mukunha*”, pode ter as seguintes interpretações, dependendo do contexto: *A Rosa é uma senhora de cor branca* ou *a Rosa é uma senhora que tem muito dinheiro e bens de valor*.

Já a palavra *sograria* é estranha, de facto, ao PE, mas nasce das palavras sogro/ sogra, que existem no léxico do Português. No PM, a palavra *sograria* significa em casa dos sogros.

(46) Vou à *sograria* amanhã.

A palavra *tchovar*, bastante usada no português oral de Nampula, é um empréstimo do Xixangana, e surge do verbo *kutchova*, que significa empurrar. No Emákua, esta palavra significa acompanhar.

(47) *Tchova-me* lá até aí.

### **Classificação dos neologismos**

#### **Inovações do Português**

##### **i). Neologismos semânticos**

Atendendo a que estas palavras ganharam novo significado, podemos dizer que as palavras *jogar* e *comer* são neologismos semânticos. As duas palavras continuam a ser verbos.

##### **ii). Neologismos formais**

A palavra *sograria* foi formada a partir de um substantivo existente no léxico do Português, que é a palavra sogro. No português falado em Moçambique, a palavra *sograria* indica o lar dos sogros; daí que possamos considerá-la como neologismo formal, uma vez que a palavra nasceu duma outra já existente na língua Portuguesa.

##### **iii). Empréstimos de outras línguas**

A palavra *pwelar* é um verbo que entra para o Português falado em Moçambique a partir do Emákua e corresponde a um empréstimo de luxo, uma vez que existe uma palavra portuguesa que exprime o significado do verbo.

Igualmente é um empréstimo de luxo a palavra *tchovar*, que é um verbo que entra para o português falado em Moçambique a partir do Xixanga, uma vez que existe uma palavra em português que exprime o significado do verbo.

Preferimos afirmar que a palavra *mukunha*, que é do emákua, é um empréstimo necessário, porque, percebemos que, apesar de existir a palavra *branco*, no PE, este não é totalmente compatível com a noção de *mukunha*. Esta palavra, como já afirmámos, não se refere apenas ao branco, mas refere igualmente a pessoa que vive como branco, a uma pessoa que possui bens materiais.

Já as palavras *axinene* e *arivava*, apesar de entendermos que existem, na língua portuguesa, palavras que são correspondentes, não nos parecem ter o mesmo valor semântico, daí que entendamos que são neologismos necessários. É também um neologismo necessário a palavra *anakhatana*, uma vez que a palavra bandido, que é a correspondente em Português, não corresponde exatamente a esta palavra. A palavra *tchovar*, como afirmámos, é do xichangana, que foi emprestado ao *Emakua*. Nesta língua recetora, ela, por via de extensão semântica, passou a significar acompanhar alguém. Já que existem, na língua portuguesa, palavras correspondentes a esta, podemos, por isso, afirmar que é um neologismo de luxo.

### **Processo de formação dos neologismos**

#### **i) Híbridização**

Parece-nos que o morfemas *-r* das palavras *pwelar*, *tchovar* correspondem, respetivamente a desinência do infinitivo no português. O mesmo não se pode dizer no caso das línguas bantu. Em contrapartida, existe a *opwela*, que pode dar origem ao morfema lexical *pwela-*, daí afirmarmos que o processo da sua formação é a hibridização. A mesma explicação serve para a palavra *tchovar*, que possui como morfema lexicais bantu os seguintes: *tchova-*. É também híbrida a palavra *anakhatana*, a qual é formada pelos morfema *ana-* que é um sufixo que significa, pessoas com e *khatana*, que corresponde ao substantivo catana do português.

**(ii). Derivação por sufixação**

A palavra *sograria* foi formada pelo processo de derivação por sufixação, se tivermos em conta que a palavra *sogro* existe no português. A esta palavra foi-lhe, apenas, acrescentado o sufixo *-ria*, que possui a noção de lar dos sogros.

Assumimos, para finalizar, que, nas restantes palavras — *jogar*, *comer*, *axinene*, *arivava*, *mukunha* — não existe nenhuma inovação na sua forma, tanto nas que têm origem na língua portuguesa, como naquelas em que a sua origem é uma língua bantu.

## CONCLUSÃO

Ao concebermos o presente estudo, tínhamos como objetivo geral fazer um levantamento de moçambicanismos usados nas conversas formais e informais, sobretudo, nos mercados, nos transportes públicos, nas festas de casamentos, nos locais de lazer, entre outros locais. Especificamente, pretendíamos: (1) demonstrar o caráter dinâmico da Língua Portuguesa, devido ao contato que esta língua estabelece com outras línguas, em particular, com as línguas bantu faladas em Moçambique; (2) Caracterizar as circunstâncias de uso dos referidos moçambicanismos e os contextos do seu surgimento

Como se pode ilustrar, o fenómeno de bantuísmo ou moçambicanismos na língua portuguesa é bastante complexo. Ele envolve palavras de origem bantu, as quais são usadas como recursos na comunicação. Para além destas situações, no emergente Português Moçambicano, existem também palavras do português que são usadas de uma forma diferente da Portuguesa.

Todos estes fenómenos fazem com que o português que se ergue em Moçambique tenha não só características peculiares, como também imprima uma nova dinâmica na própria língua, e, em última estância, na vida dos próprios moçambicanos.

Grande parte das palavras estudadas neste trabalho não possui novidades nas suas estruturas, porque ou entraram como são usadas nas línguas bantu, ou como são usadas na língua Portuguesa. Há um número bastante irrisório de neologismos que possui a forma híbrida das suas estruturas, a partir de morfemas do Português e das línguas bantu.

Os empréstimos feitos a partir das línguas bantu são todos necessários. Dissemos que são necessários, porque essas palavras são emprestadas por não haver palavras correspondentes em Português que exprimam, necessariamente, a noção efetiva dessas palavras. Todos os neologismos do português são semânticos, ou seja, estas palavras portuguesas ganham um novo sentido semântico ao serem usadas em Português falado em Moçambique.

Para finalizar, gostaríamos de afirmar que todos os exemplos usados, com a exceção dos da Paulina Chiziane, foram colhidos na oralidade. Assim, assumimos que estes

moçambicanismos, em algum momento, podem não ganhar forma na escrita, uma vez que a linguagem oral possui características específicas que podem não influir na escrita. Assumimos, ainda, neste trabalho, que alguns neologismos podem não sobreviver por muito tempo, ao ponto de pertencerem ao léxico do português emergente em moçambique, mas fica o registo de terem sido atestados, em algum momento da evolução da língua portuguesa em Moçambique.



## BIBLIOGRAFIA

1. AURÉLIO *et alii* (2004). *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Rio de Janeiro: Positivo.
2. CORREIA, M. (1995). *O Léxico na Economia da Língua*. Lisboa.
3. CORREIA, M. (1992). *A Formação dos Adjectivos em anti- em Português*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, inédito.
4. CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 15.<sup>a</sup> ed. Lisboa: João de Sá Costa.
5. DIAS, H. N. (2008). *As Desigualdades Sociolinguísticas e o Fracasso Escolar: em direcção a uma prática linguístico-escolar libertadora*. 1.<sup>a</sup> ed. Maputo: Texto editora.
6. \_\_\_\_\_ (2002). *Minidicionário de Moçambicanismos*. (S/Ed). Maputo.
7. DUARTE, Inês. (2000). *Língua Portuguesa: Instrumento de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
8. FIRMINO, G. (2006). *A “Questão Linguística” na África Pós-Colonial: O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia.
9. \_\_\_\_\_ (1988). «Desvio à Norma no Português Falado em Moçambique»: *Actas do IV Encontro de Associação de Linguística*. Lisboa: Promédia.
10. \_\_\_\_\_ (1987). «Alguns Problemas de Normatização do Português em Moçambique». *Limani*, 3, 11-25.
11. \_\_\_\_\_ (1989). «Desvios à Norma no Português Falado em Moçambique». *IV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 97-106 (<http://www.apl.org.pt/docs/actas-04-encontro-apl-1988.pdf>).
12. GALLISSON, R.; COSTE, D. (1983). *Dicionário de Didáctica das Línguas*. (S/ed). Coimbra: Almedina.
13. LOPES, A. J. (1997). *Política Linguística: Princípios e Problemas*. (S/ed). Maputo: Livraria Universitária, UEM.
14. \_\_\_\_\_ (2004). *A Batalha das Línguas: perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique* (S/Ed). Maputo: Fundação Universitária/IUEM.

15. \_\_\_\_\_ (s/d). *Em Direcção ao Primeiro Léxico dos Usos do Português Moçambicano*. (S/ed). Maputo: UEM.
16. \_\_\_\_\_ (2001). *Moçambicanismos – Para Um Léxico do Português Moçambicano*. (S/ed). Maputo: Livraria Universitária, UEM.
17. MATEUS M. H. M; Nascimento, F. B. (2005). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho.
18. MENDES, I. (2010). *Da Neologia ao Dicionário: o caso do Português em Moçambique*. 1.<sup>a</sup> ed. Maputo: Textos editores.
19. \_\_\_\_\_ (2000) *Léxico no Português de Moçambique*. (S/ed). Maputo: Edição Promédia.
20. NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar *et alii* (2008). «Corpus África: as cinco variedades africanas do Português». In *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 373-384.
21. RIO-TORTO, G. M. (1987). «Morfologia das Palavras Construídas em -ad(-a)». In: *Biblos*, Vol. LXIII, 97-178.
22. SENGO, A. G. S. (2010). *Processo de Enriquecimento do Léxico no Português de Moçambique*. Dissertação de Mestrado. Porto, inédito.
23. VILLALVA, A. (2008). *Morfologia do Português*. (S/Ed). Lisboa: Universidade Aberta.
24. VILELA, M. (1995). *Gramática da Língua Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Coimbra: Almedina.
25. \_\_\_\_\_.(1995). *Gramática da Língua Portuguesa* . 1.<sup>a</sup> ed. Coimbra: Almedina.
26. \_\_\_\_\_.(1995). *Estudos de Lexicologia do Português*. (S/Ed). Coimbra: Almedina

## Apêndice

### *O corpus do trabalho*

- |                       |                             |                             |
|-----------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| 1. <i>Agradecer</i>   | 26. <i>Kabanga</i>          | 50. <i>Ntchesso</i>         |
| 2. <i>Akupatlha</i>   | 27. <i>Kacena</i> <i>ku</i> | 51. <i>Passanoite</i>       |
| 3. <i>Almofadinha</i> | <i>nyartanda</i>            | 52. <i>Pitakufa</i>         |
| 4. <i>Amupfukwa</i>   | 28. <i>Kalibekanhthu</i>    | 53. <i>Pwelar</i>           |
| 5. <i>Anakhatana</i>  | 29. <i>Karakata</i>         | 54. <i>Revoada</i>          |
| 6. <i>Arivava</i>     | 30. <i>Kaudjike,</i>        | 55. <i>Sograria</i>         |
| 7. <i>Atihowe</i>     | 31. <i>Khangala</i>         | 56. <i>Tchampali</i>        |
| 8. <i>Atitchota</i>   | 32. <i>Kutchinga</i>        | 57. <i>Tchovar</i>          |
| 9. <i>Axiguinha</i>   | 33. <i>Kuya</i>             | 58. <i>Thika</i>            |
| 10. <i>Axinene</i>    | 34. <i>Likaho</i>           | 59. <i>Tihowe</i>           |
| 11. <i>Bacela</i>     | 35. <i>Lobolo</i>           | 60. <i>Titchota</i>         |
| 12. <i>Banca</i>      | 36. <i>Madjolidjo</i>       | 61. <i>Tocossado</i>        |
| 13. <i>Barraca</i>    | 37. <i>Maheu</i>            | 62. <i>Tsivela/tsivelar</i> |
| 14. <i>Bona</i>       | 38. <i>Marido da noite,</i> | 63. <i>Uputsu</i>           |
| 15. <i>Cabanga</i>    | 39. <i>Matapa</i>           | 64. <i>Utchema</i>          |
| 16. <i>Cachassa</i>   | 40. <i>Mphamba</i>          | 65. <i>Vacina</i>           |
| 17. <i>Calamidade</i> | 41. <i>Mukunha</i>          | 66. <i>Vovô</i>             |
| 18. <i>Comer</i>      | 42. <i>Mulher da noite</i>  | 67. <i>Wassuwassu</i>       |
| 19. <i>Doer</i>       | 43. <i>Mutchekele</i>       | 68. <i>Xehe</i>             |
| 20. <i>Emwali</i>     | 44. <i>Mwelelar</i>         | 69. <i>Xicuembo</i>         |
| 21. <i>Halali</i>     | 45. <i>Pwati</i>            | 70. <i>Xiguinha</i>         |
| 22. <i>Haramu</i>     | 46. <i>Nicahe</i>           | 71. <i>Xitega</i>           |
| 23. <i>Hirice</i>     | 47. <i>Nkhongue</i>         |                             |
| 24. <i>Ingu</i>       | 48. <i>Nkoteco</i>          |                             |
| 25. <i>Jogar</i>      | 49. <i>Nkotsolo</i>         |                             |

## *Anexo*

**Mapa da distribuição geográfica de Moçambique**

